

FALO

ano VI . # 26



5 ANOS DE FALO!

DIVADAVID

EBERSON THEODORO

SASCHA SCHNEIDER

PORRA!

FALO® é uma publicação bimestral.
março 2023.
ISSN 2675-018X
versão 20.03.23

edição, redação e design: Filipe Chagas
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto, Guilherme
Correa e Rígle Guimarães.
site: Pedro Muraki

capa: *Fora da caixa: Peludo*, ilustração de DivadaviD,
2020.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a comunicação (falonart@gmail.com) para que possamos verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que possuem direitos autorais de seu próprio trabalho. Todos os direitos estão reservados e, portanto, nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas nesta publicação tenham sido fornecidas pelos criadores com permissão de direitos autorais ou sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no protocolo de "uso justo" compartilhado pela internet (imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador, sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com e procederemos da melhor forma possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja como artista, modelo ou jornalista, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com.



COMPRE AQUI

COLAB55

FC DESIGN
R. Mario Portela 161/1603 C, Laranjeiras
Rio de Janeiro – RJ 22241-000



Sumário

DivadaviD 6

Eberson Theodoro 20

FALO DE HISTÓRIA
Sascha Schneider 34

FALO em FOCO
Victor Gadino 54

FALÓFORO 62

ESPECIAL
ENTREVISTA: Falo Historiográfica! 66

FALORRAGIA
Porra! 78

FALOLOGIA
Arte da Putaria e/ou Putaria da Arte 88

CONTOS DO FALO
Quando a escola era risonha e franca 92

Adão Iturrusgarai | Marlon Thor 94

FALO com VOCÊ 96

moNUmento 99



Nota sobre nudez:

Esta publicação é sobre a representação da nudez masculina na Arte. Há, portanto, imagens de genitália. Consulte com precaução. Caso se sinta ofendido, apenas pare de ler. Entre em contato se achar conveniente.

Cinco anos, quem diria? Em março de 2018, eu lancei a primeira edição da Falo sem qualquer pretensão, só com o grande desejo pessoal de ter um espaço livre para disseminar conhecimento sobre Arte e Nudez Masculina. As dificuldades que enfrento até hoje por ser um só fazendo tudo, quase acabaram com tudo no fim do mesmo ano. Porém, uma matéria sobre imagem corporal na quarta edição me fez entender o real potencial da Falo... ela ainda é e sempre será uma revista de Arte que mostra as diversas representações do corpo masculino nu... mas que corpo é esse? Que masculino é esse?

Entre pinturas, desenhos, esculturas e fotografias, pude abordar assuntos como camisinha, bissexualidade, tantra, masturbação, além de curiosidades como o báculo ou um exército grego composto por casais gays. O mais difícil foi escrever sobre abuso, mas também foi o momento que me certifiquei que a Falo é mais do que uma revista: é um espaço seguro de compartilhamento e pertencimento. O patriarcado e o machismo estrutural nos adoce, nos mantém calados e isolados. Ainda mais no Brasil, um país hipócrita e fundamentalista religioso, o país que mais mata pessoas da comunidade LGBTIA+ no mundo e que vive(u) anos sombrios com fascismo e ignorância.

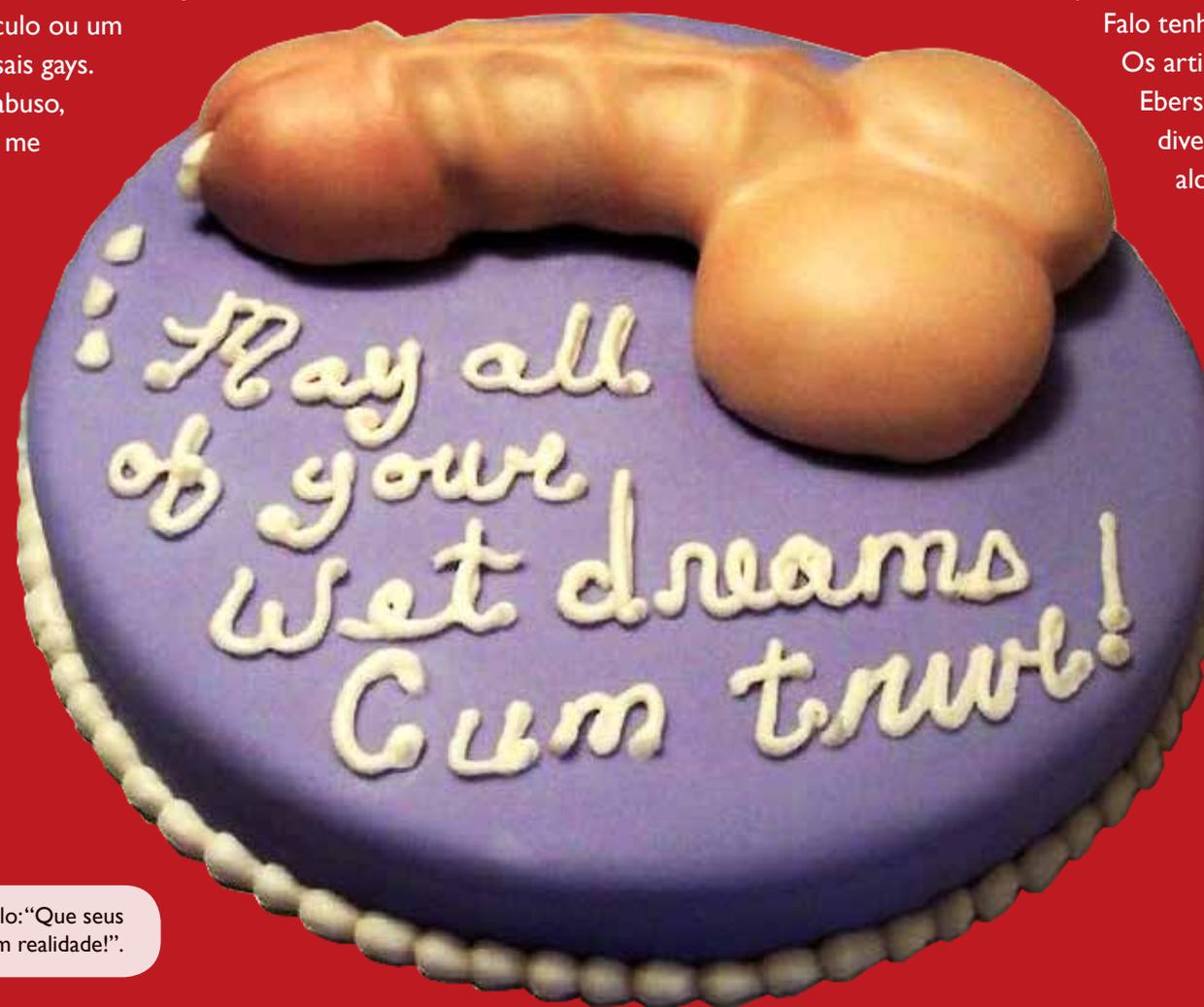
Nesta edição, você poderá ler uma longa entrevista minha para Sue Gonçalves que, além de contar um pouco a história e a estrutura da Falo, foi utilizada como artigo para uma disciplina acadêmica. Aliás, desde a conquista do selo científico em 2019, essa é a edição mais acadêmica: também tem um artigo escrito pelo mestrando Bruno Novadvorski que, de certa forma, ecoa a primeira edição ao falar do impacto da sexualidade nas artes em um público dito conservador.

Adão Iturrusgarai (que ganhou uma revista especial, já baixou?), Marlon Thor, Guilherme Correa, Rígle Guimarães e Jozias Benedicto continuam com suas contribuições de alto nível. A partir desta edição, a seção *Falo em Foco* – que antes trazia somente uma única imagem – passará a trazer um trabalho pontual ou série de um artista, fazendo com que a Falo tenha ainda mais Arte em sua composição. Os artistas convidados – DivadaviD e Eberson Theodoro – vão do autorretrato à diversidade de corpos, exatamente com o alcance que a revista se propõe.

Meu texto falorrágico é meio científico para explicar a porra toda. Isso mesmo, a porra, o sêmen. Tiro dúvidas de aspecto, gosto, saber, se deve cuspir ou engolir... tudo pra que tenhamos prazer sem culpa e com sabedoria, pra gente celebrar esses cinco anos de grandes artistas e conexões incríveis que se transformaram numa confraria.

Que seja eterna enquanto DURA!

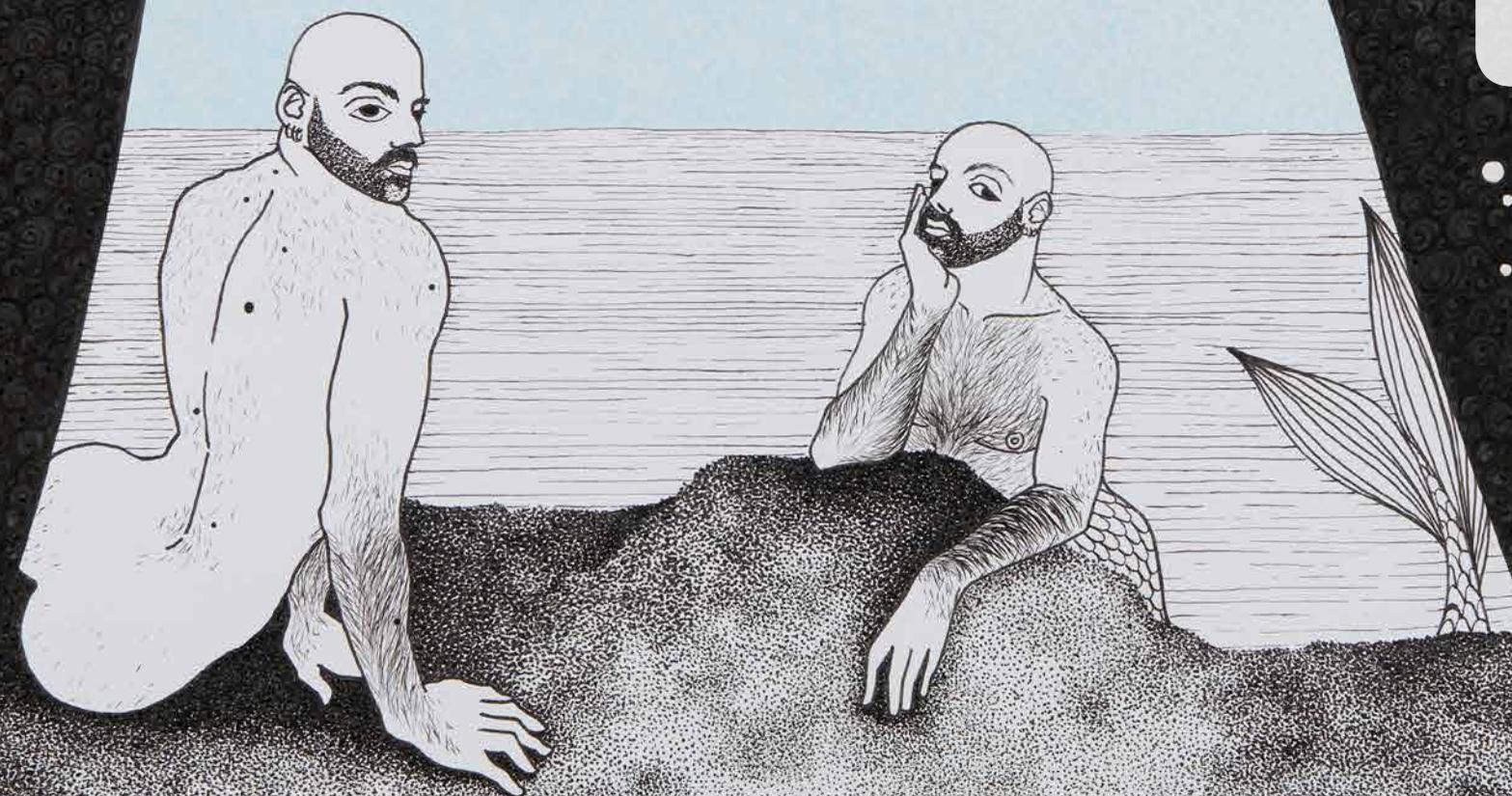
Filipe Chagas, editor



* Tradução da escrita no bolo: "Que seus sonhos molhados se tornem realidade!".

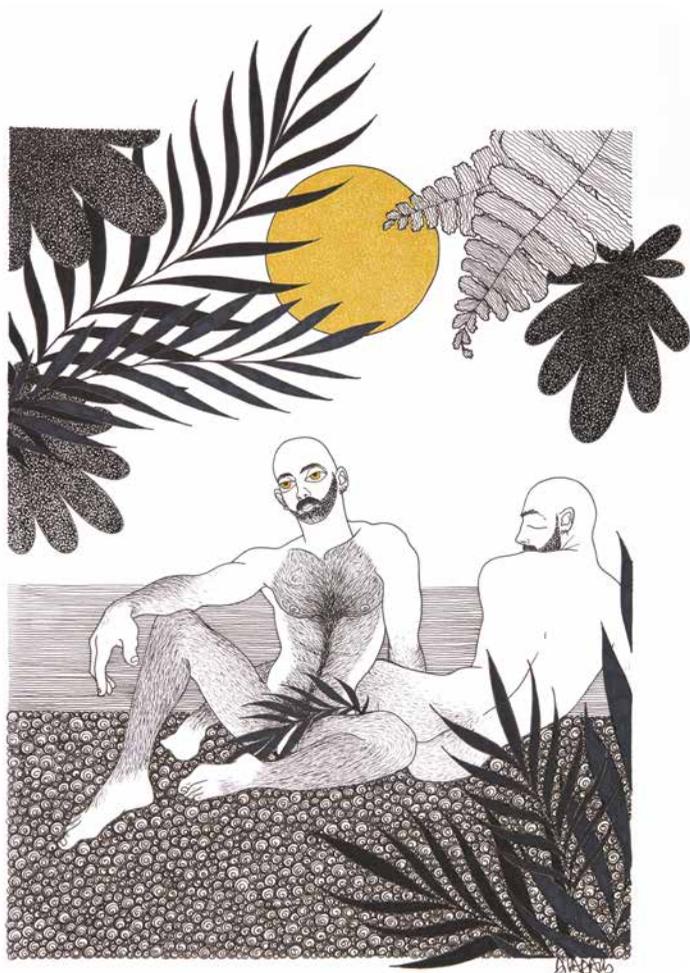
DivadaviD

por Filipe Chagas



Um diário íntimo sobre emoções, sonhos, pensamentos, lutas e opiniões. Essa é a descrição mais acertada que **DivadaviD** faz de sua “arte ornamental”. Por essa razão, o ideal é deixar o próprio artista, nascido em Avignon, sul da França, apresentá-la:

Crio viagens íntimas em um voyeurismo, onde tudo o que está escondido pode ser revelado com ternura e sinceridade. Meu ponto de partida sempre está no acolhimento da tristeza e da melancolia. O processo é longo o suficiente para fazer a tristeza passar para outro estado de espírito. Uso a simplicidade da caneta no papel para traduzir rapidamente meus pensamentos e, assim, explorar meu universo de fantasias e sonhos, vestindo-os com linhas, grafismos, pontos infinitos, espirais e alguns toques irrealis de cor. A noite e as estrelas invadem minhas imagens, assim como o desejo e as emoções. A moldura dentro do desenho congela o sonho e as linhas que saem do quadro representam nossos pensamentos que vagueiam.



Tendo como assuntos favoritos suas memórias de uma infância feliz na Provence, os casos de amor e a solidão dos homens, tudo pode inspirar David: um quadro de Van Gogh, uma paisagem de Monet (“para os impressionistas tudo é sensação, vibração, sentimento e emoção”), um design de Christian Lacroix, uma letra de música, um reflexo no espelho, um acontecimento, uma história lida no jornal (“vejo uma cena e sei imediatamente se a quero dentro ou fora de casa, em uma paisagem imaginária, uma área de férias de fantasia...”).

Sua arte introspectiva o levou também a usufruir do autorretrato como forma de ter maior controle da imagem bem como se livrar de compromissos e justificativas:

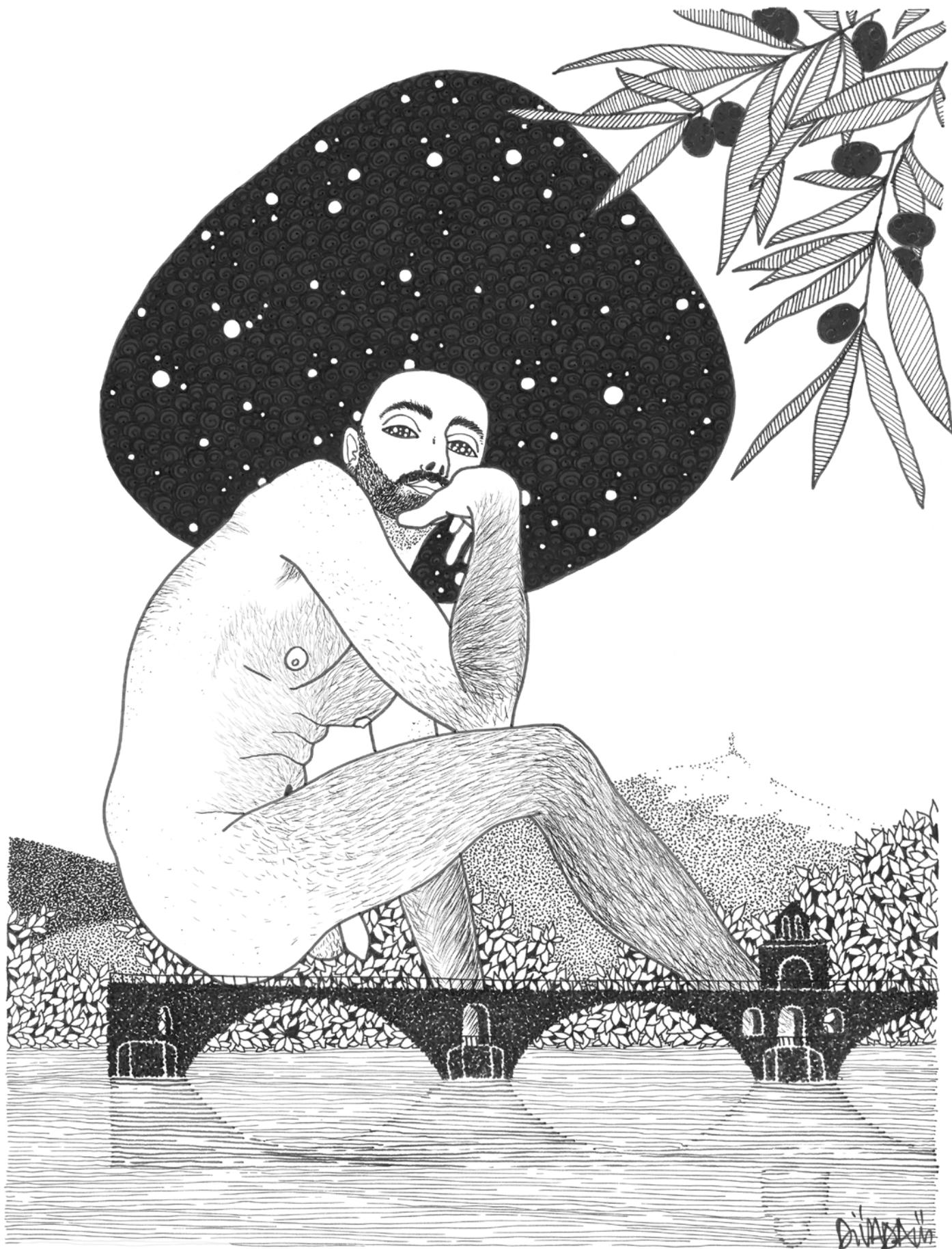
Trabalhar com representação própria me permite ser 100% livre. É só tirar foto das posições que eu quero. Criei um personagem que se relaciona comigo apenas pelas linhas e alguns detalhes do corpo, mas o objetivo sempre será usar essa imagem como um ícone universal para falar sobre os sentimentos e lutas de todos.



Bromance: Eles e Bromance: Eles & Ele (2020).



Passando tempo juntos (2020).



Garoto do Sul: Avignon (2020).



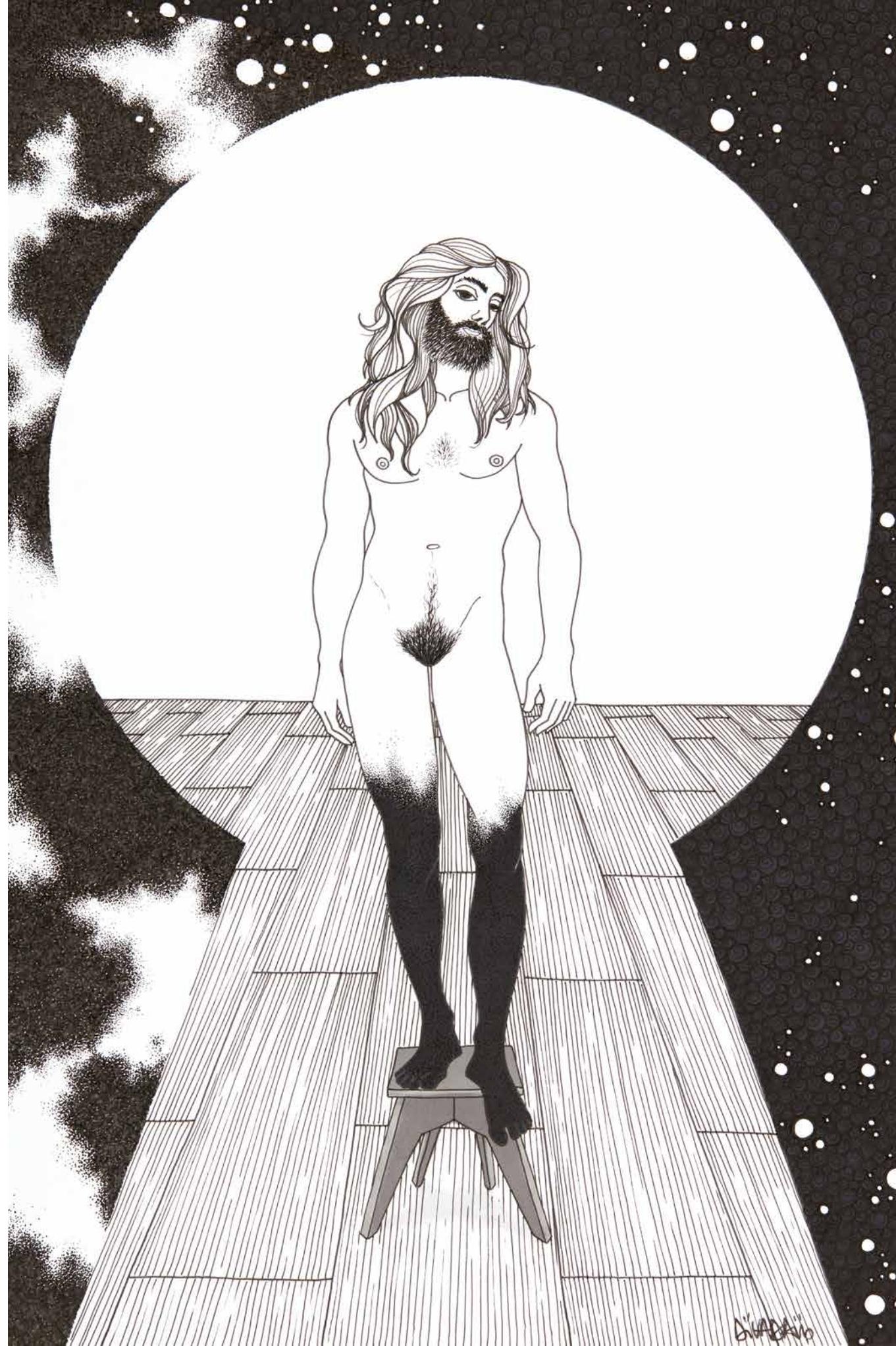
Garoto do Sul: Pont du Gard (2020).

É desse mundo interior que David nos alcança, pois sua jornada é falar sobre sentimentos profundos tendo a representação do corpo masculino como figura principal. Mas não qualquer corpo:

Luto pelo amor, pelo direito de ser diferente, pela tolerância e pela beleza de todos os tipos de corpo. Pêlos, verrugas, cicatrizes me permitem mostrar a parte mais íntima e única de um homem, sua fragilidade, sua história, seu DNA. Precisamos de uma mudança urgente: a figura masculina deve deixar de ser um objeto de Arte para se tornar assunto da Arte e, assim, os espectadores terão novos modelos de representatividade.



Homem sentado (2022).

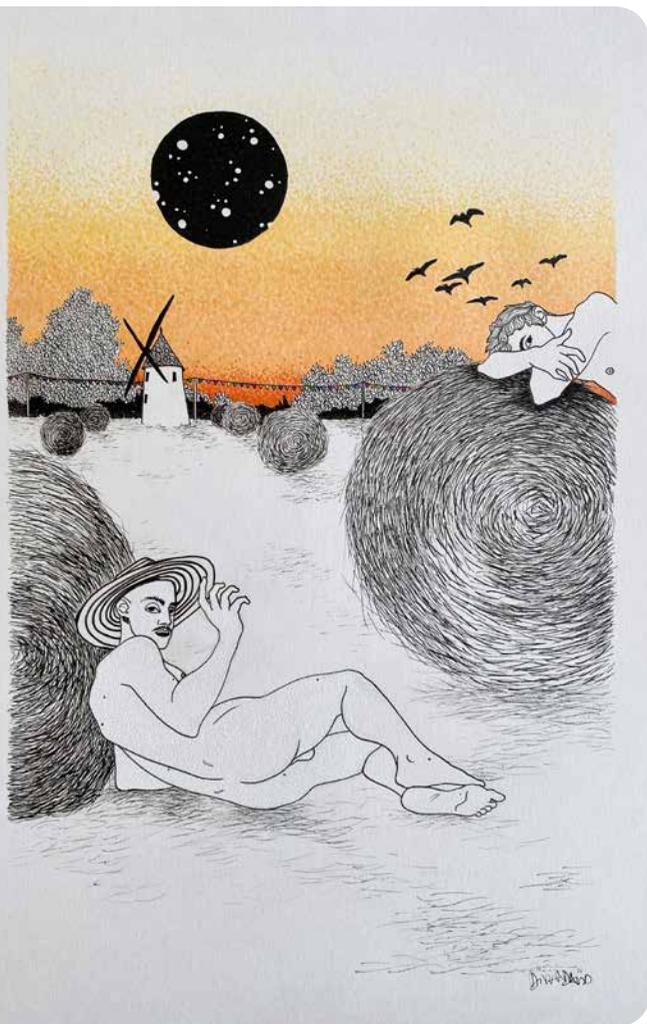


Fora da caixa: Deusa (2020).

David trabalha na indústria da moda há anos e não deseja sexualizar o corpo como de costume. No início, acredita que esse era o foco que os espectadores davam para seu trabalho, porém, ele luta veemente contra isso:

Sei como corpos e personalidades podem ser mascarados, vestidos, escondidos por roupas e maquiagem, poses e filtros... Quero falar sobre verdade, sobre emoção profunda e é por isso que a nudez é onipresente em minha arte.

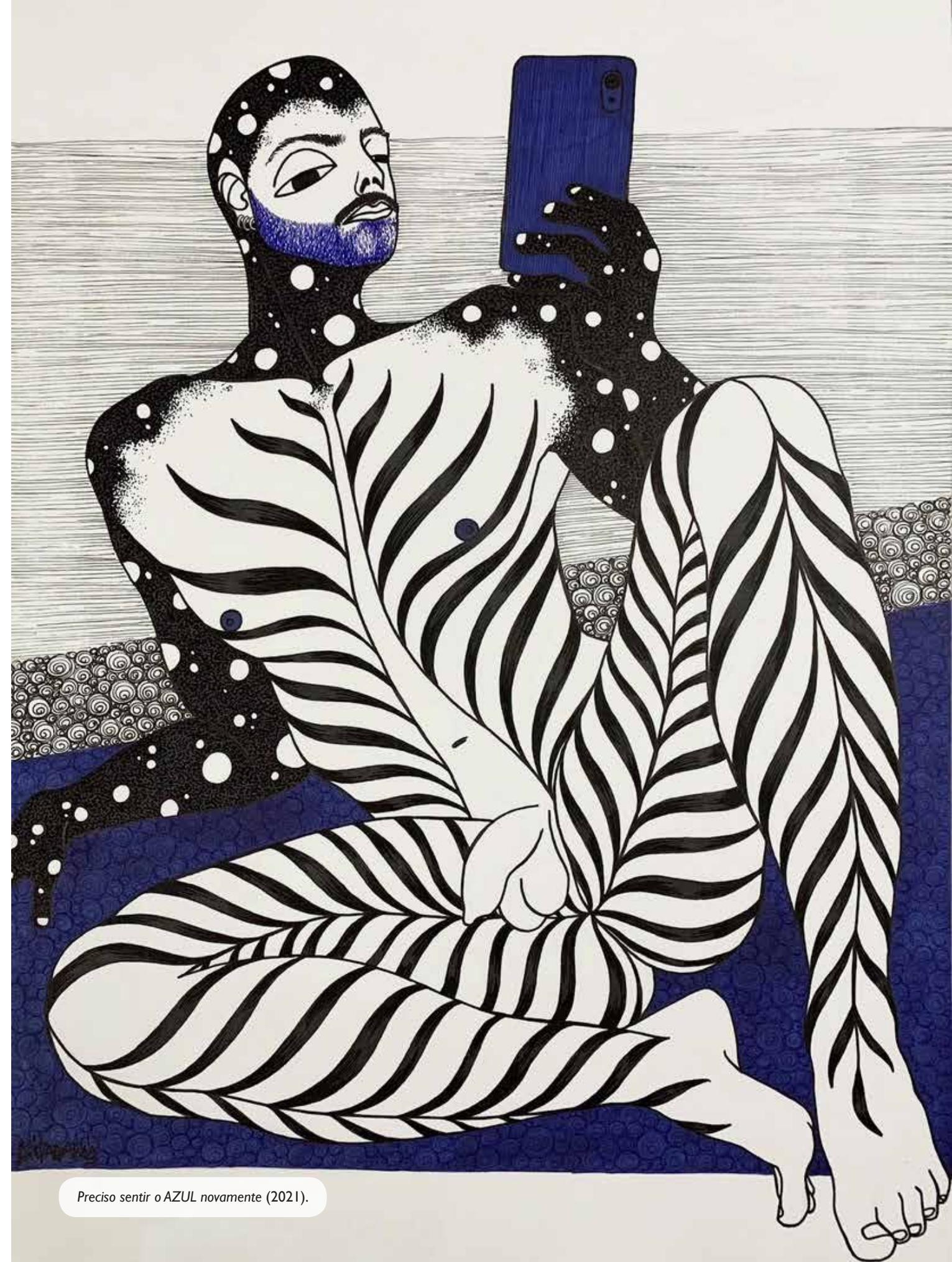
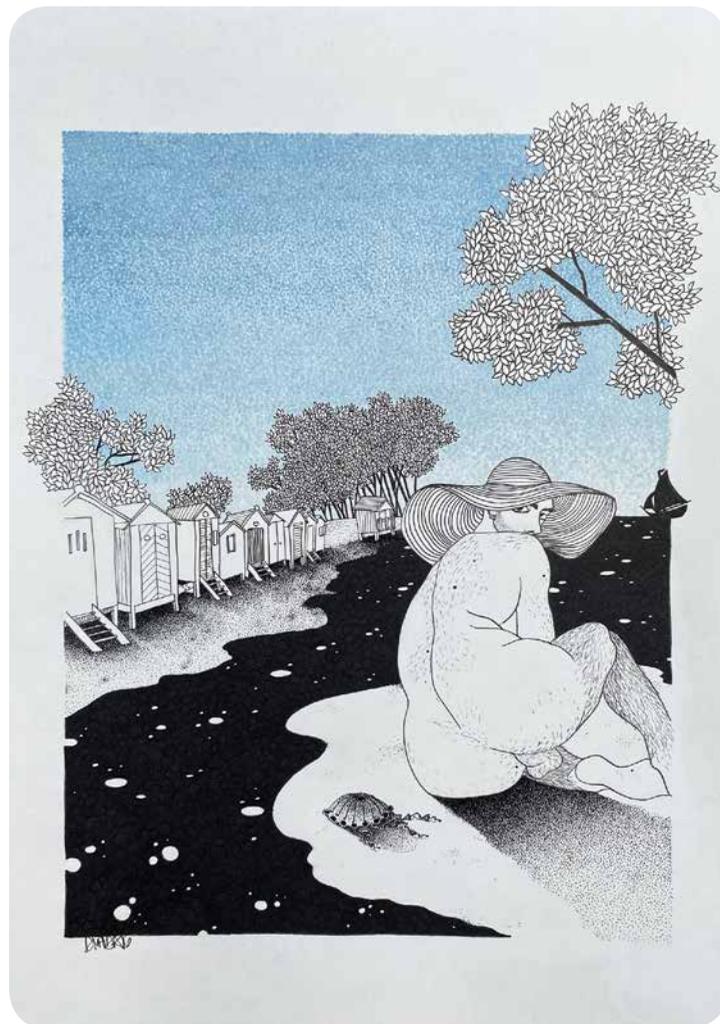
Garoto da Vendaia: O descanso (2022).



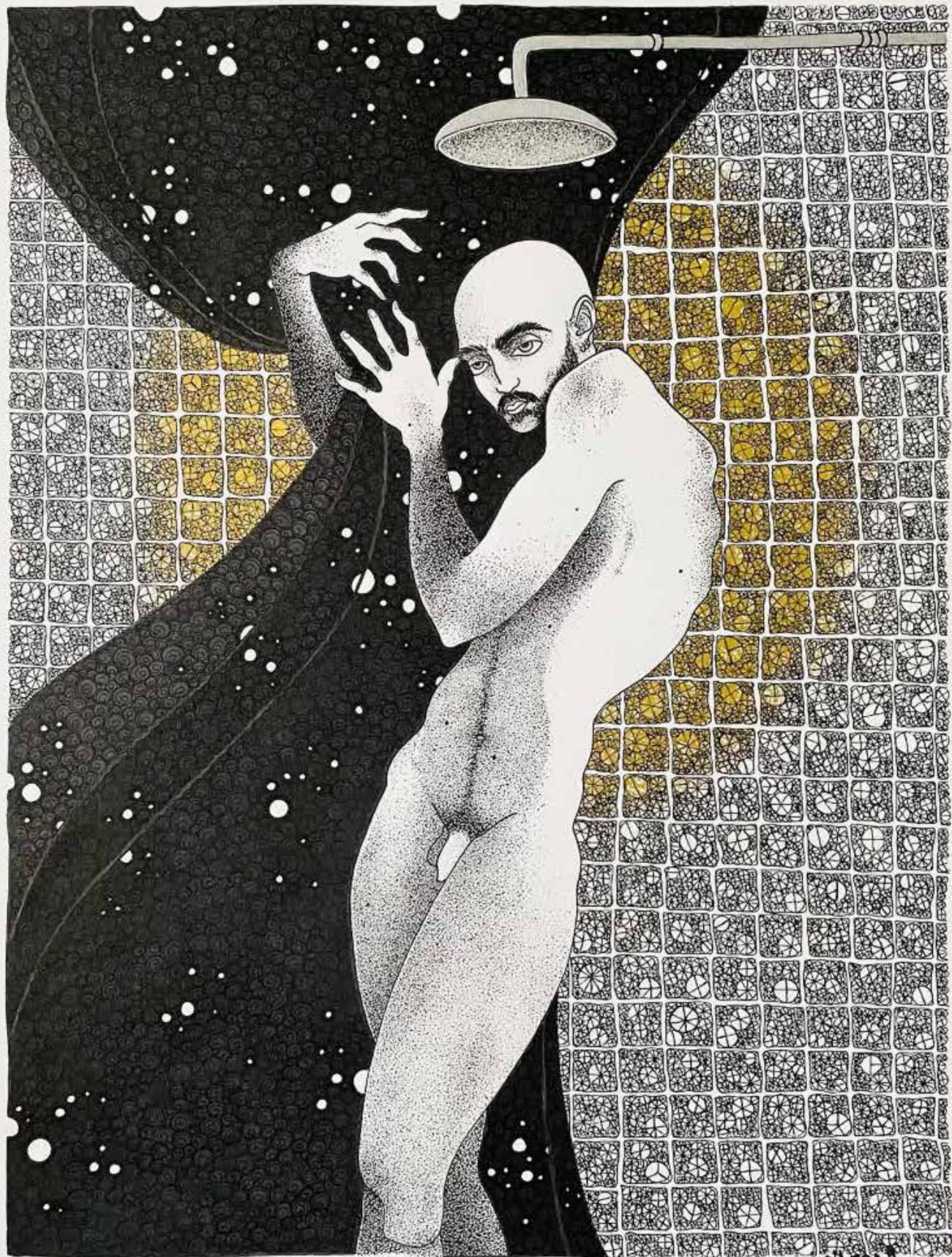
Ciente da distração que o nu frontal carrega – especialmente a ereção e sua relação com a pornografia –, não dá tanta importância para a representação do pênis, pois acredita em outras formas de ilustrar desejo ou tensão. Prefere, então, se concentrar na narrativa que pretende criar entre os personagens.

Opto por mostrar o pênis ao invés de ocultá-lo para dar aos meus desenhos mais autenticidade e crédito no significado. Estou mostrando o homem verdadeiramente com sinceridade, sem modéstia ou pudor, como ele é.

Garoto da Vendaia: Praia das Mulheres (2022).

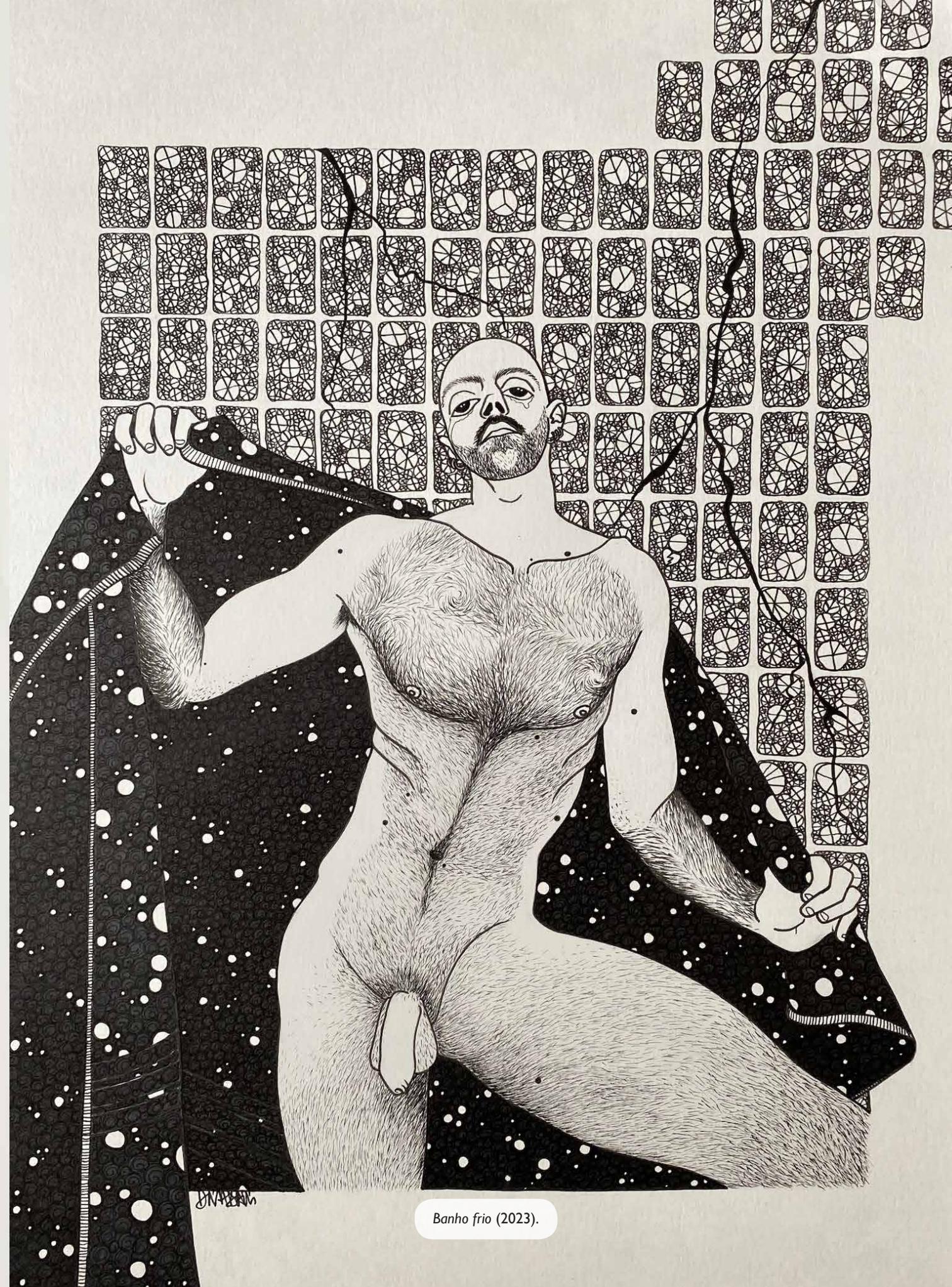


Preciso sentir o AZUL novamente (2021).



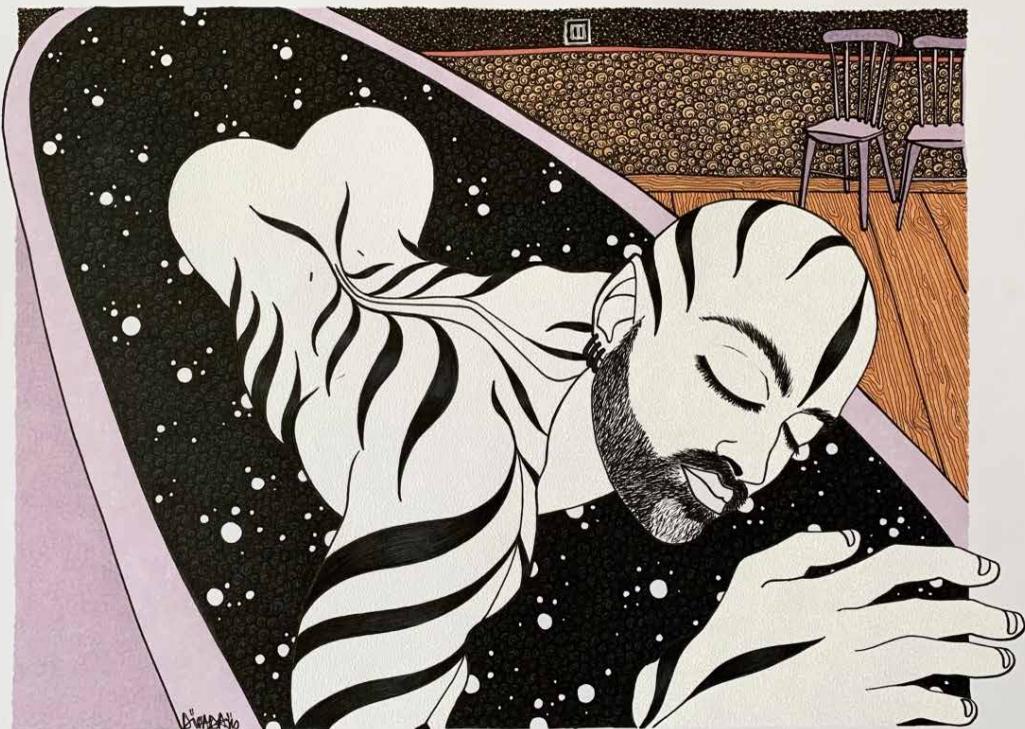
Na ducha (2021).

DIVANO



Banho frio (2023).

DIVANO



Criado como filho único rodeado pela bela natureza de uma zona mediterrânea, David sempre teve seus desenhos, a música e a dança (“fiz sapateado por 6 anos”) como apoio. Fez estudos gerais de arte, como arquitetura, design, publicidade e história da arte, antes de se concentrar em design de moda. Por mais incrível que pareça, essa trajetória intimista fez com que David não se enxergasse como artista e, portanto, se desapegasse de seu trabalho no início, ao ponto de jogar quase tudo no lixo:

Para mim, o processo é mais importante do que o resultado. Coloco minhas ideias no papel e quero seguir em frente. Achava que meu trabalho era muito pessoal para interessar as pessoas. Então, antes de abrir uma conta no Instagram, eu colocava meus desenhos em uma trituradora de documentos. Mas eu estava errado. Amigos próximos me encorajaram a usar as redes sociais e comecei a receber um apoio incrível da comunidade de artistas e até de galeristas. Ainda não me considero um artista, mas alguém que precisa gritar o que tem dentro de si.

Hoje David mudou-se para o interior de Paris e trabalha em uma empresa internacional de moda que defende os direitos humanos, luta pela diversidade e tolerância, inclusão e felicidade. Alinhou seus valores em vida com sua arte e continua produzindo imagens de beleza única que nos conecta enquanto seres humanos. **8=D**



Acima, Homem sentado (2021) e, abaixo, DividaviD em seu estúdio.



Eberson Theodoro

por Filipe Chagas

Em novembro de 2022, recebi um informe através das redes sociais sobre o site *Foto de Homem* que estaria abrindo seu site para visualização de todos os ensaios sem censura. Já conhecia o site do fotógrafo **Eberson Theodoro**, mas nunca tinha tido a oportunidade de conhecer a totalidade de sua obra. Durante um final de semana, fiquei impressionado não só com a diversidade de corpos, mas, principalmente, com a quantidade de material: há três anos, Eberson publica um ensaio por semana! E isso nos revela muito! Não só o aumento exponencial da oferta e da procura por imagens do corpo masculino, como também a qualidade e a confiança no trabalho do fotógrafo.

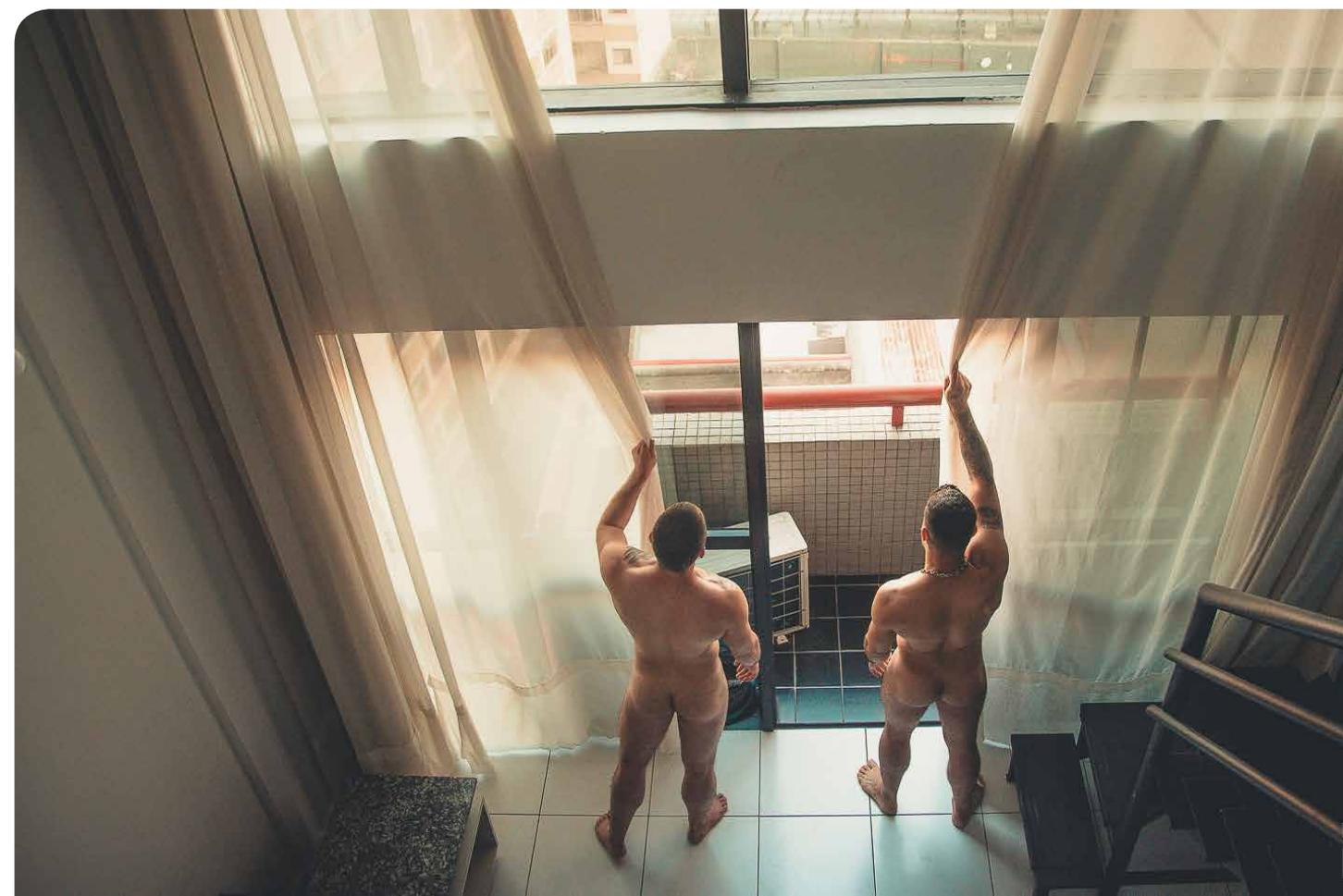
Desde o começo de seus estudos em fotografia, em 2007, esse jornalista catarinense já se direcionou para a representação do corpo do homem, usando um namorado como modelo.

Hoje é um mercado muito mais amplo, já que finalmente estamos sabendo explorar a beleza masculina tanto quanto a feminina. Mas fotografar nudez masculina era bastante inusitado. Os trabalhos eram mais concentrados no eixo Rio-SP e em grandes veículos, como a G Magazine e a Revista Junior. Lembro o estranhamento entre alguns colegas do curso. A quantidade de “NÃO” que já ouvi até hoje é enorme. Porém, fiz dessa dificuldade um impulso.

Modelo: Matheus.



Acima, Caio e amigos; abaixo, anônimos.



Dificuldade essa que sempre foi mais do coletivo do que individual, já que Ebersson é naturista desde os 21 anos (“coincidentemente na mesma época em que comecei a fotografar nudez masculina”). Por isso, preza em deixar seus modelos à vontade com maior atenção à direção já que, em sua maioria, os fotografados não são profissionais e estão buscando se enxergar de forma diferente.

Penso no desejo de quem vai ver a foto. E eu, como artista e gay, consigo me comunicar com este desejo partindo dos meus próprios sentimentos. Pretendo mostrar que há beleza em todos os tipos físicos, inclusive naqueles que a sociedade quer evitar nos “educando” a gostar de um só tipo.

Modelos: *Trisal*.



Acima, Guto; abaixo, Brayan.





Por exemplo, conta que existem aqueles que só querem ser retratados com ereção por terem vergonha do estado natural do pênis, o que traz uma conexão com uma virilidade pornográfica que foi construída socialmente em detrimento à vulnerável intimidade da flacidez genital. É assim que vive o eterno paradoxo entre mostrar o corpo em sua totalidade artística e sua paixão por destacar belos fragmentos.

Acho curiosa essa relação que nós homens temos com os diferentes “humores” dos nossos membros.

Nessa preocupação estética em dar um “verniz artístico” a sua produção (“desde o modelo de terno e gravata até o que está tendo um orgasmo, se masturbando diante da câmera”), faz da luz, do enquadramento, da composição e da edição suas constantes ferramentas para manter o nível técnico.



Eberson fotografando modelo em locação.



Eberson diz que seu processo criativo é bastante teimoso e intuitivo e se estabelece a partir da busca por excelência em várias de suas inspirações, que podem vir de filmes (“Almodóvar é meu diretor preferido”), novelas antigas, clipes de música ou mesmo de viagens que fez ou deseja fazer:

O dia em que pisar no Mediterrâneo para fotografar, sentirei de fato que atingi meus objetivos nesta arte do nu masculino.

Entretanto, no fundo sabe que ser artista é um processo que não termina nunca, pois é preciso se manter em busca de novas técnicas e inspirações criativas. Ainda mais com uma lista interminável de homens querendo estar na frente de sua lente. **8=D**



*Cirurgia plástica
para você.*



Dr. Alcemar Maia Souto CRM 5246681-1

+55 21 97395 8000 alcemarmaiasouto@gmail.com



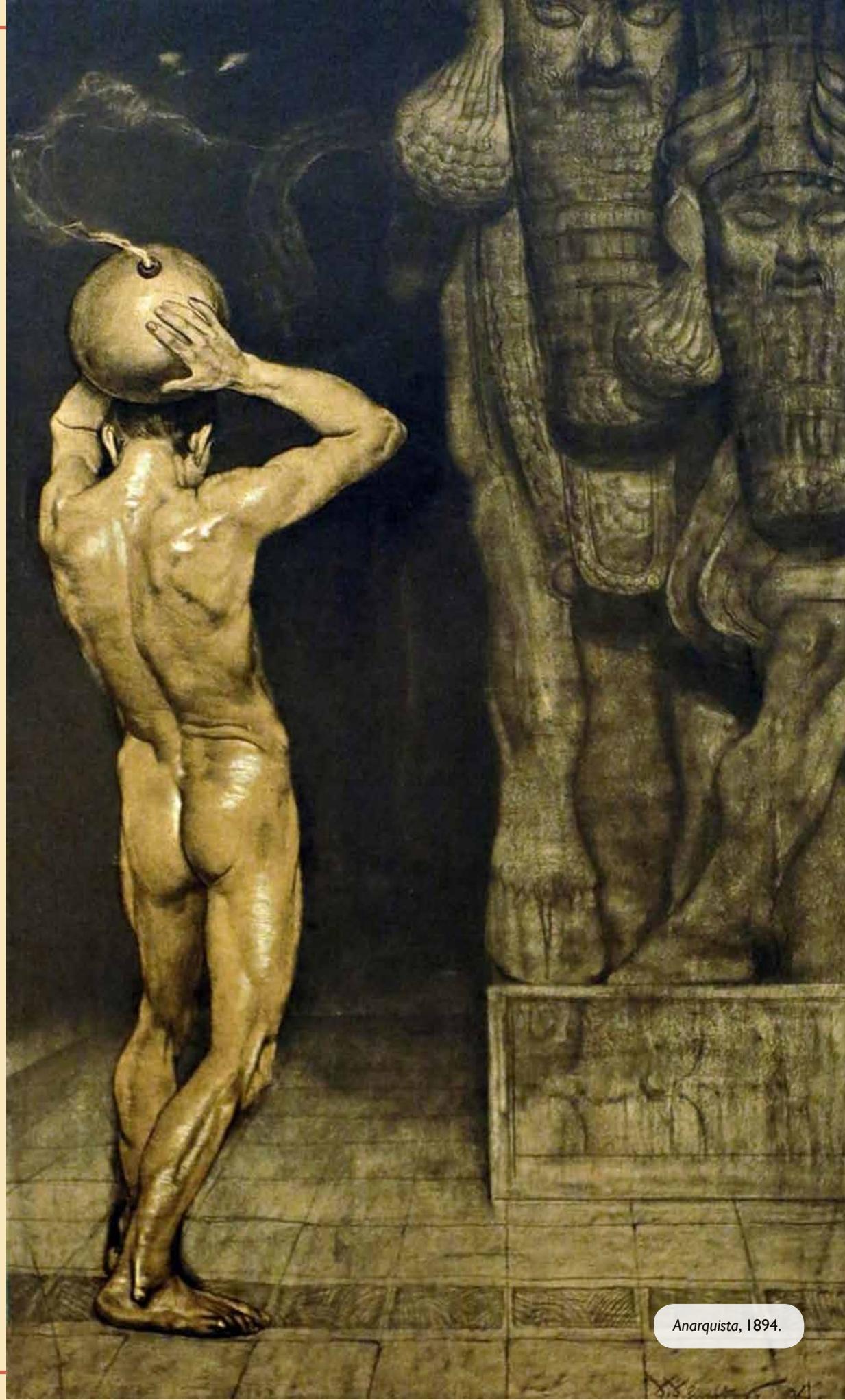
Sascha Schneider

1870-1927

Rudolph Karl Alexander Schneider, comumente conhecido como **Sascha Schneider** (1870-1927), foi um artista gráfico, gravurista, pintor e escultor. Alguns estudiosos o colocam como um dos primeiros artistas assumidamente homossexuais* da História, tendo utilizado uma sensualidade onírica e a fisicalidade masculina dentro da poética simbolista.

* Schneider se considerava um “estranho social”.

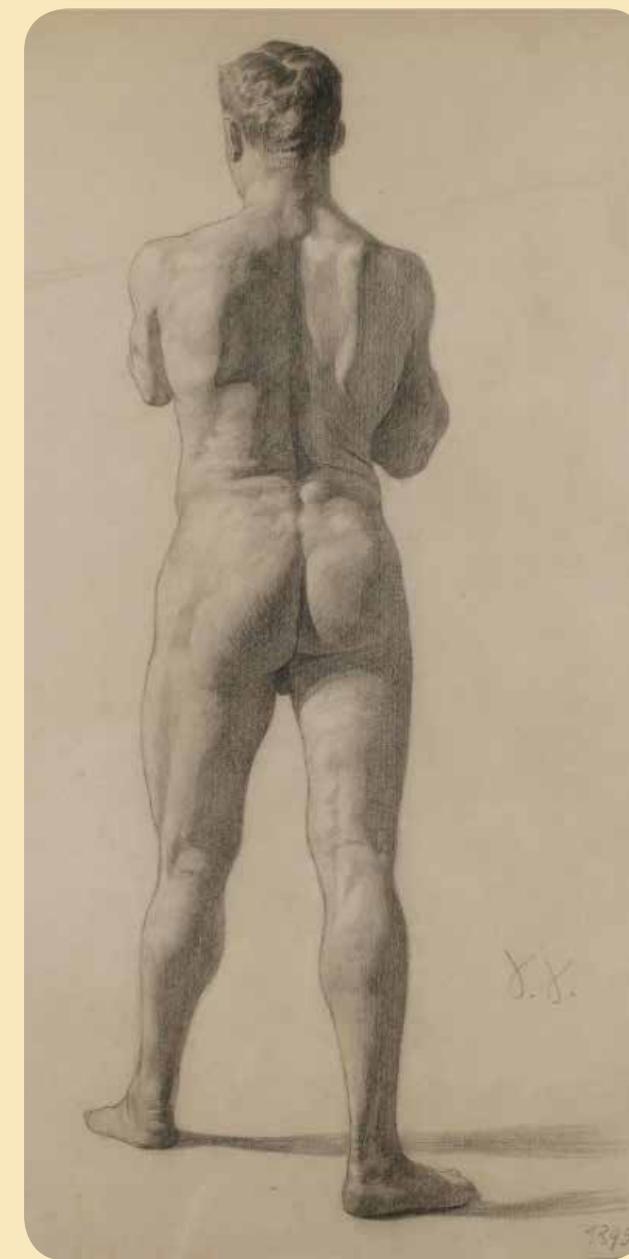
Schneider nasceu em São Petersburgo, na Rússia, em 1870. Durante sua infância, sua família se mudou para Zurique, mas após a morte de seu pai, foram para Blasewitz, um bairro de Dresden. O talento artístico de Sascha já era evidente durante os seus anos de escola. Um professor notou o grande talento do rapaz e preparou seu caminho para frequentar a Academia de Belas Artes de Dresden depois do ensino médio.



Anarquista, 1894.

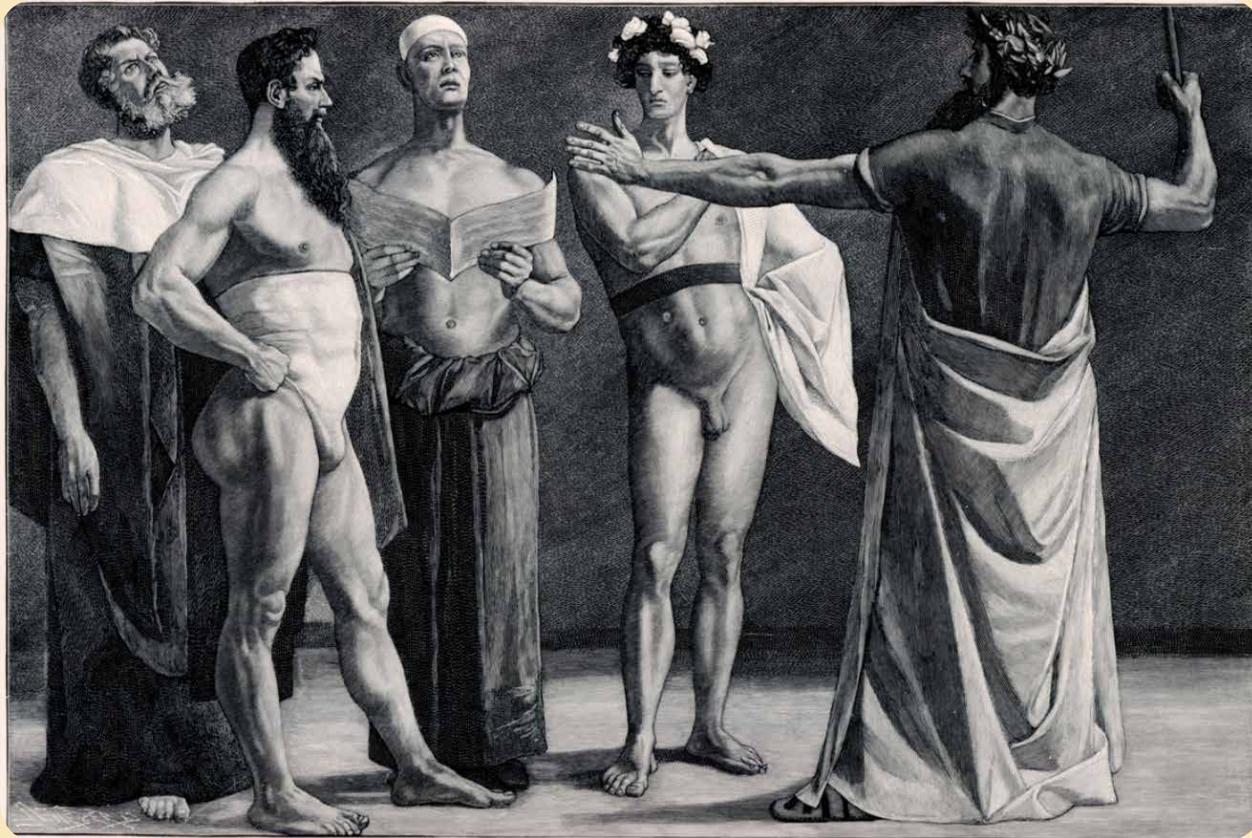


Autorretrato, grafite e carvão, 1927.

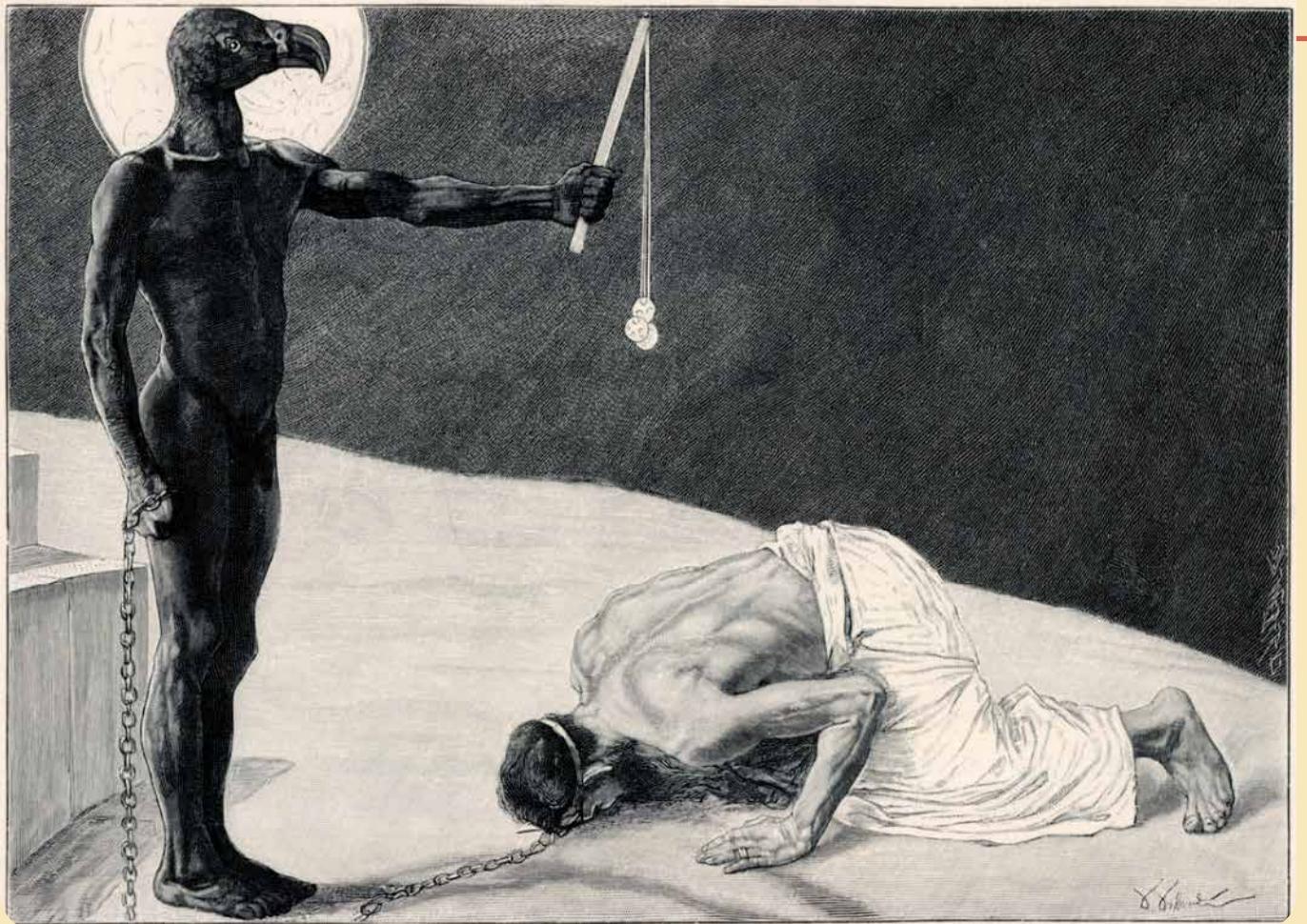


Nu de costas, grafite, 1895.

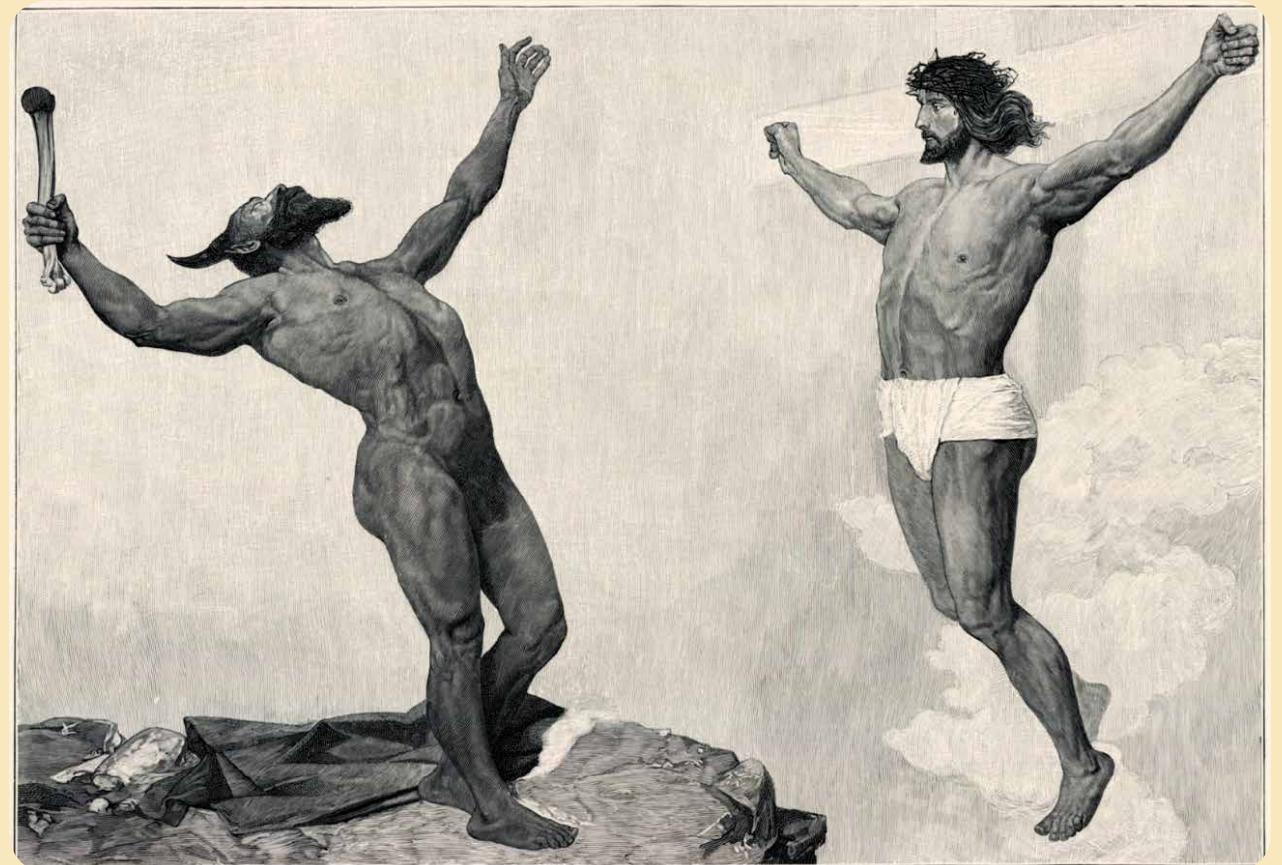
O jovem e esperançoso artista mudou-se para um ateliê em 1889 e participou de suas primeiras exposições, inclusive em Berlim, com gravuras alegóricas, literárias e bíblicas. O pintor e artista gráfico Max Klinger tornou-se um importante amigo e apoiador, ajudando Schneider a estabelecer seu nome na cena artística alemã.



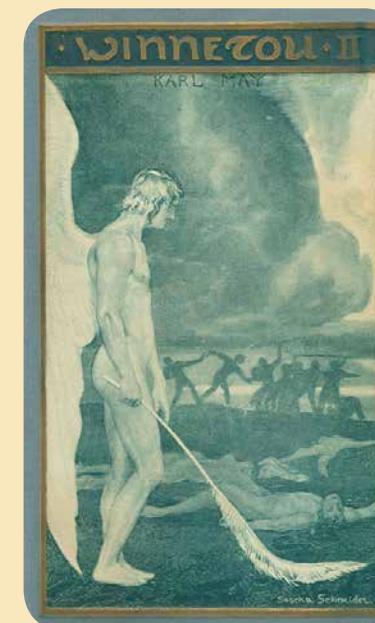
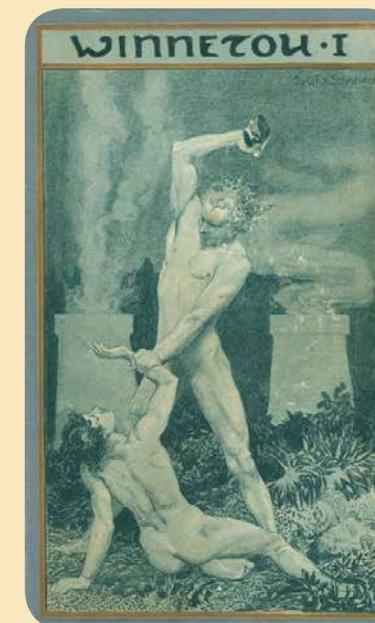
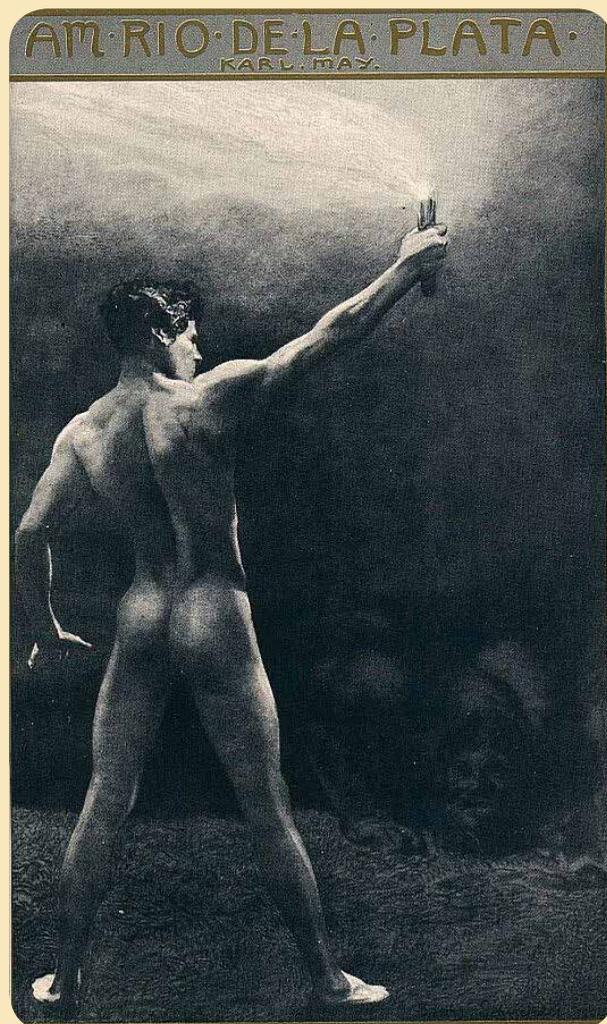
Acima, Coral masculino e, abaixo, Os gênios da história. Ambos xilogravuras de 1895.



Acima, Mammon e seu escravo e, abaixo, Está terminado. Ambos xilogravuras de 1895.



Em 1903, ele conheceu Karl May, um dos mais famosos romancistas alemães da época, que havia ficado impressionado com as gravuras do artista em uma exposição. May o contratou para criar capas de livros para seus romances populares e histórias de viagens, levando a obra de Schneider a um vasto público. A parceria criativa única que os dois formaram permitiu que Schneider interpretasse os romances de May como uma obra de arte completa e, assim, sua produção dificilmente tinha qualquer relação com o conteúdo das histórias. O editor dos livros ficou descontente com a natureza ambivalente das imagens e as substituiu em edições posteriores. Schneider fez também um enorme mural para a residência do escritor. Aliás, ao longo de sua carreira, concebeu vários murais, como na Villa Florentine Colombaia, no hall de entrada do Teatro Estatal em Weimar e na Casa de Comércio de Livros (*Buchgewerbehhaus*) em Leipzig.

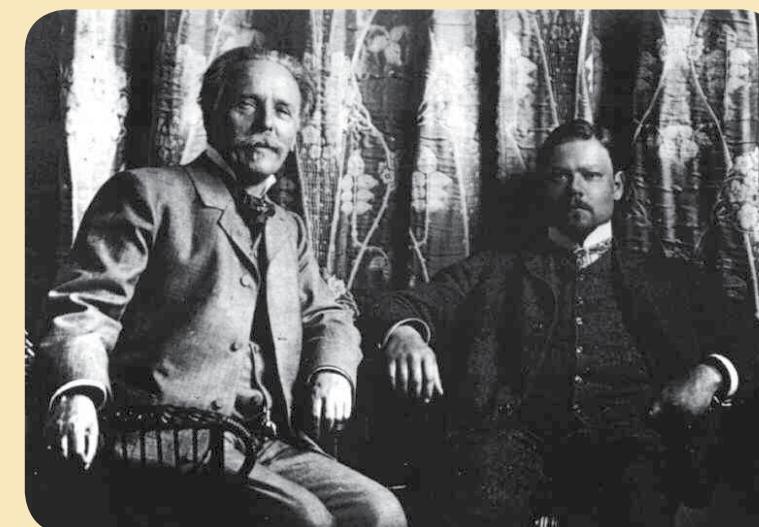


Na página anterior, capa do livro *Am Rio de la Plata* (1903).

No centro, capa para o romance *Winnetou* (1903).

Acima, ilustrações para outras edições do livro: *Caim e Abel (Fraticídio)* e *O anjo de Deus lamenta sobre os campos de combate*, ambos de 1904.

Abaixo, foto de Karl May e Sascha Schneider em 1904.



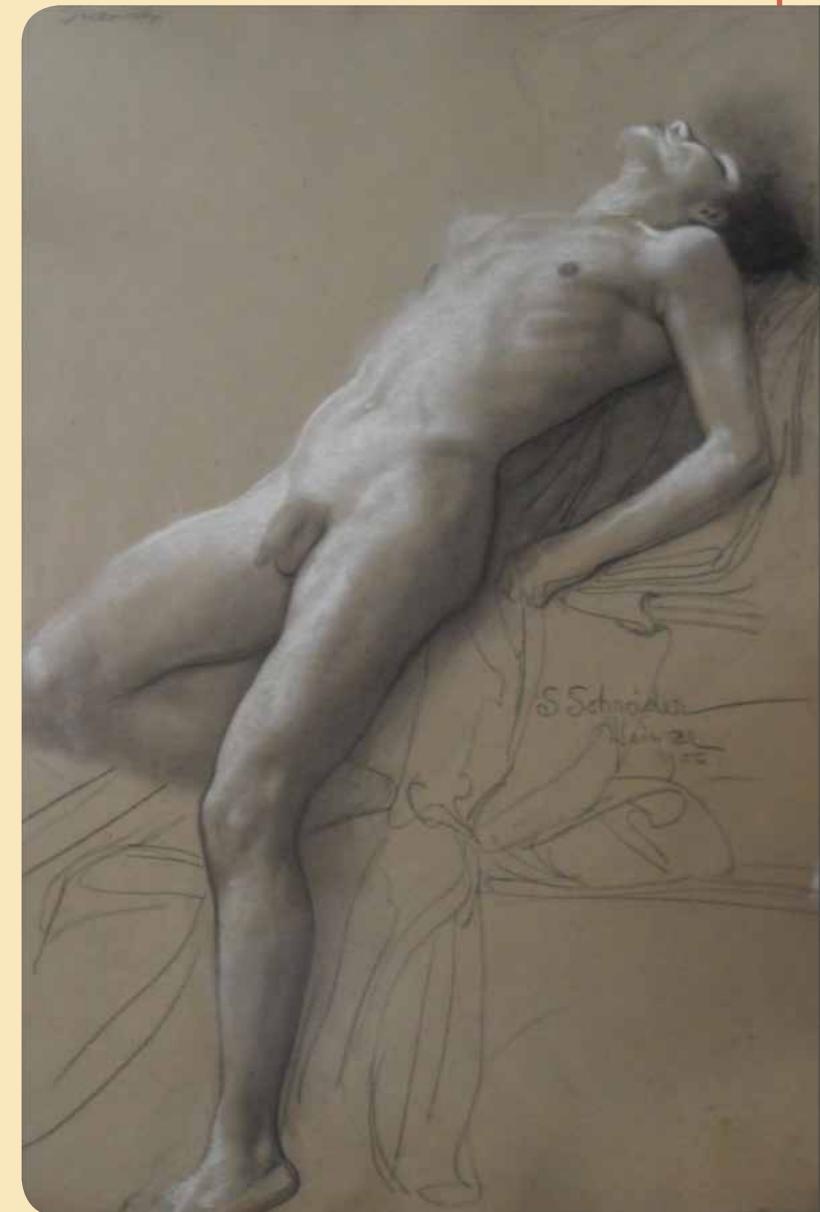


Klinger indicou Schneider para ser professor na Escola de Arte Grão-Ducal Saxônica (*Großherzoglich-Sächsische Kunstschule*) de Weimar a partir de 1904 – vaga recusada por Gustav Klimt. Durante este período, o artista morou com o pintor Hellmuth Jahn, que começou a chantageá-lo*, ameaçando expor sua homossexualidade, punível pelo código penal alemão. Em 1908, Schneider se sentiu forçado ao exílio e, entre uma viagem pelo Cáucaso com o pintor Robert Spies e seis meses de residência em Leipzig, fugiu para a Itália – onde a homossexualidade não era criminalizada na época. Fixou-se em Florença até 1914 e só retornou à Alemanha por ocasião da Primeira Guerra Mundial.

* Schneider chegou a pagar uma viagem para o Egito na intenção de terminar com a chantagem de Jahn. Porém, em 1909, Jahn decide encontrar Schneider em Florença para pedir mais dinheiro e ainda pagar a conta de seu hotel. O pintor Daniel Stepanoff, amigo de Schneider, mandou prendê-lo e Jahn teve de deixar a Itália pouco depois.



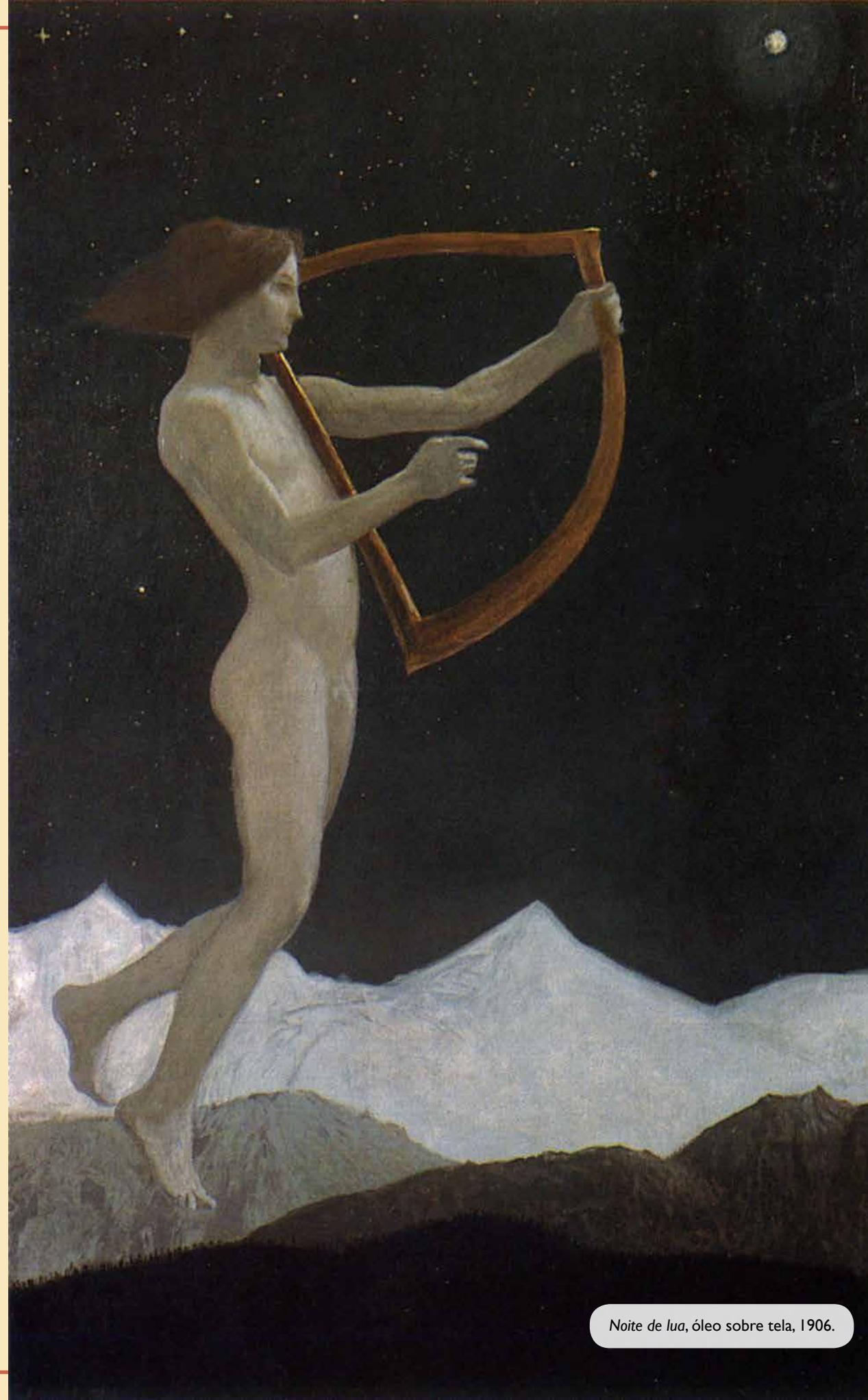
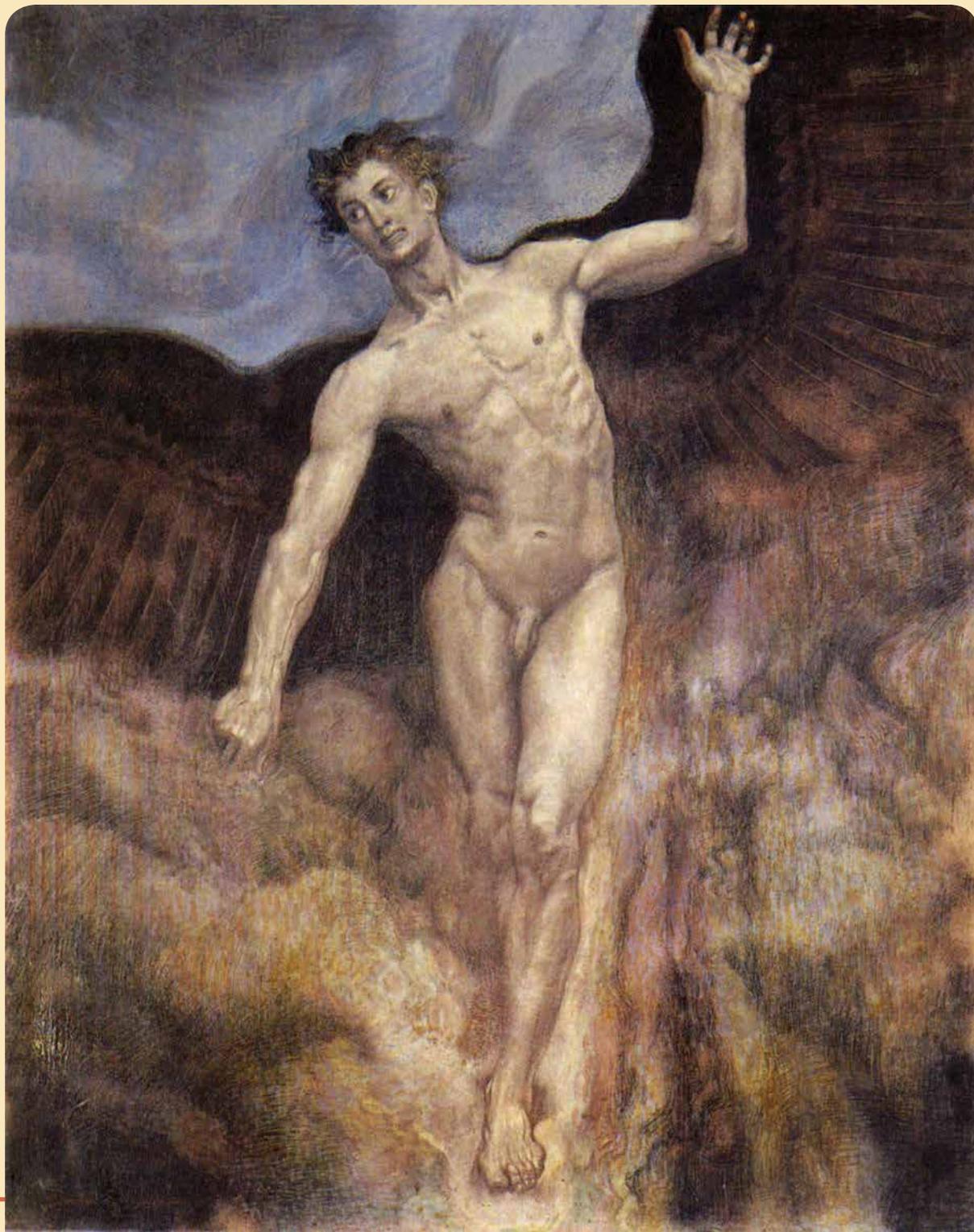
Na página anterior, *Hipnose*, gravura de 1904. Acima, cena do filme *O Farol* (2019), inspirada na obra de Schneider.



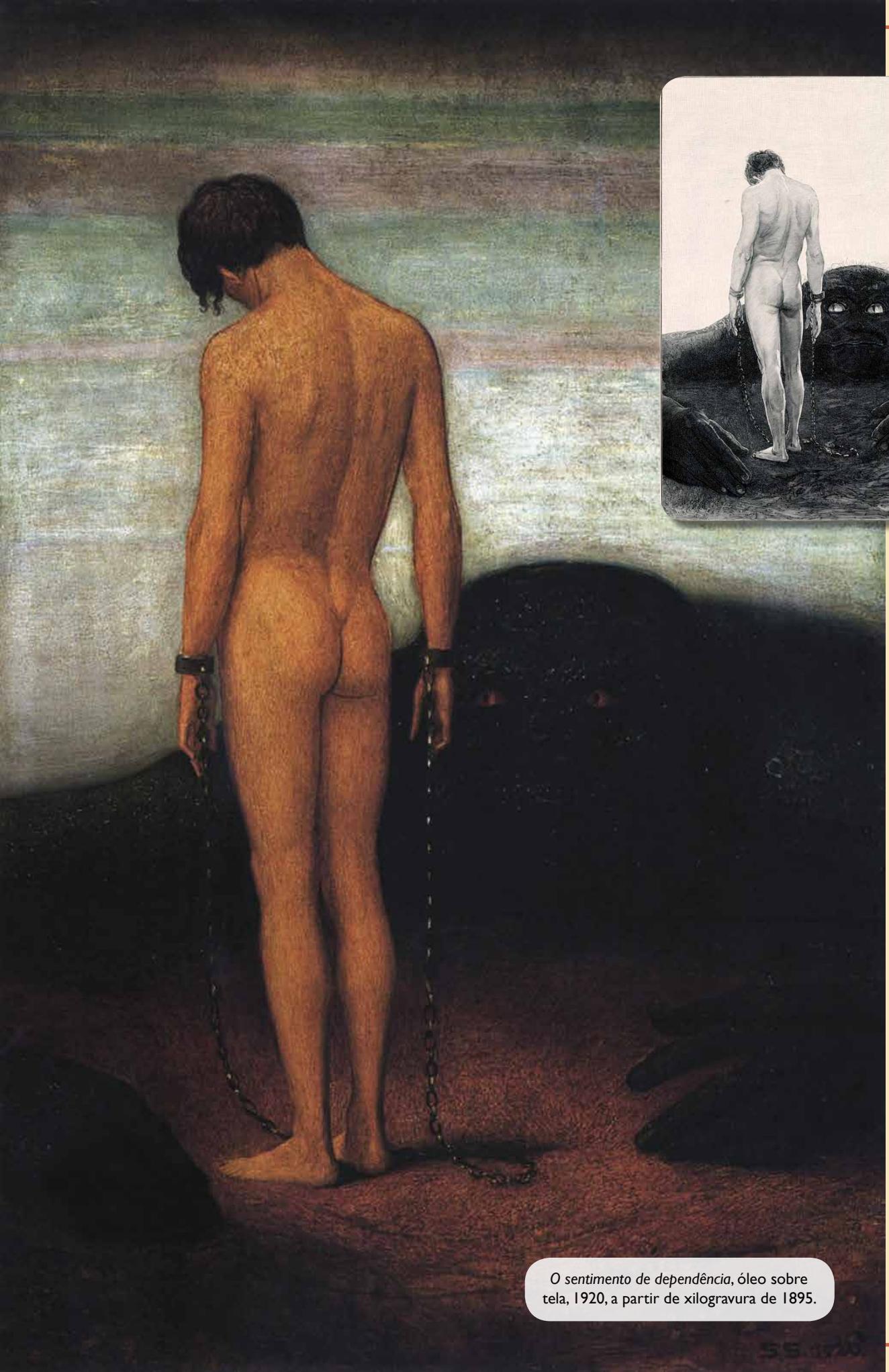
Sátiro nu, estudo em grafite e carvão, 1906.

Tomando como referência a Antiguidade greco-romana, teve maior liberdade para colocar seus desejos em suas criações pictóricas e escultóricas, fosse em representações de nus masculinos atléticos ou em figuras mais delicadas, que incorporavam o espírito simbolista da época. Por vezes provido de asas, o corpo nu do homem – que, para ele, era o arquétipo da beleza em si – simbolizava sua esperança de libertação social da opressão que acabou ecoando outros grupos marginalizados, como dissidentes políticos e artistas de vanguarda.

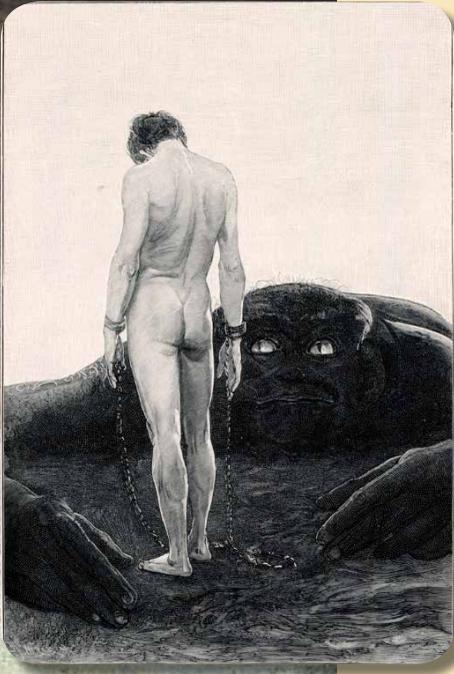
Ícaro, óleo sobre tela, 1906.



Noite de lua, óleo sobre tela, 1906.

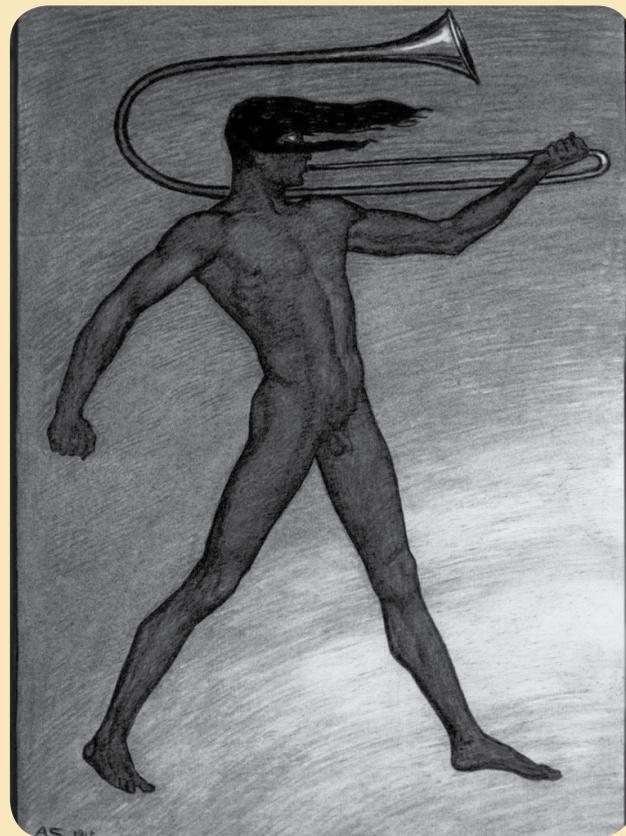
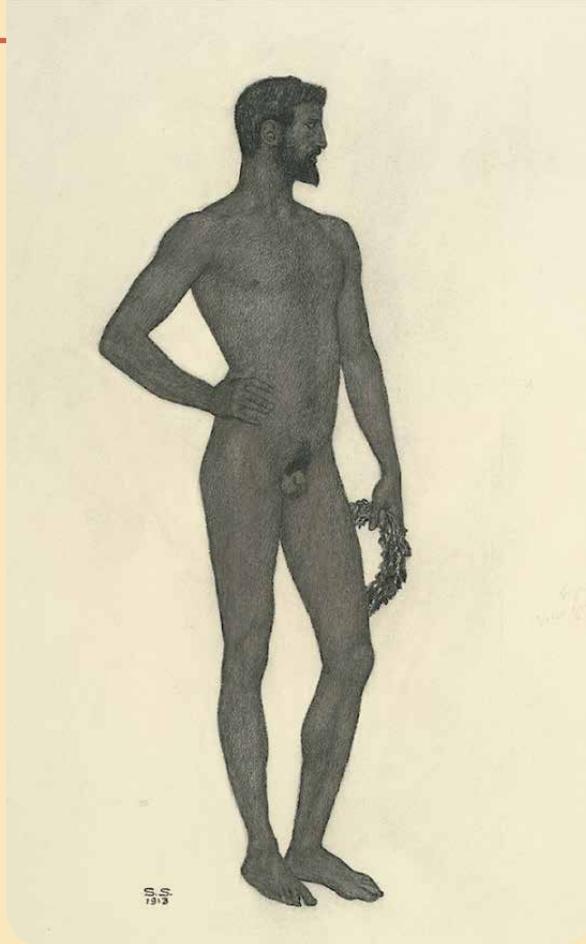


O sentimento de dependência, óleo sobre tela, 1920, a partir de xilogravura de 1895.



Judas, óleo sobre tela, 1923, a partir de xilogravura de 1896.





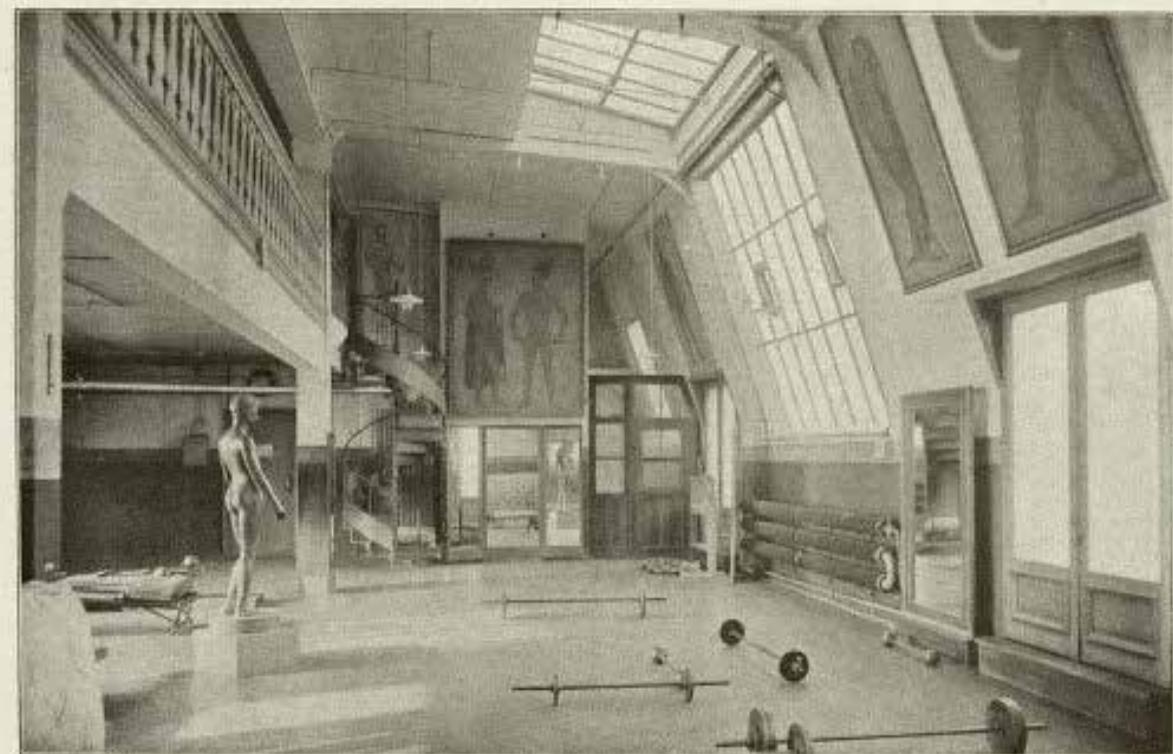
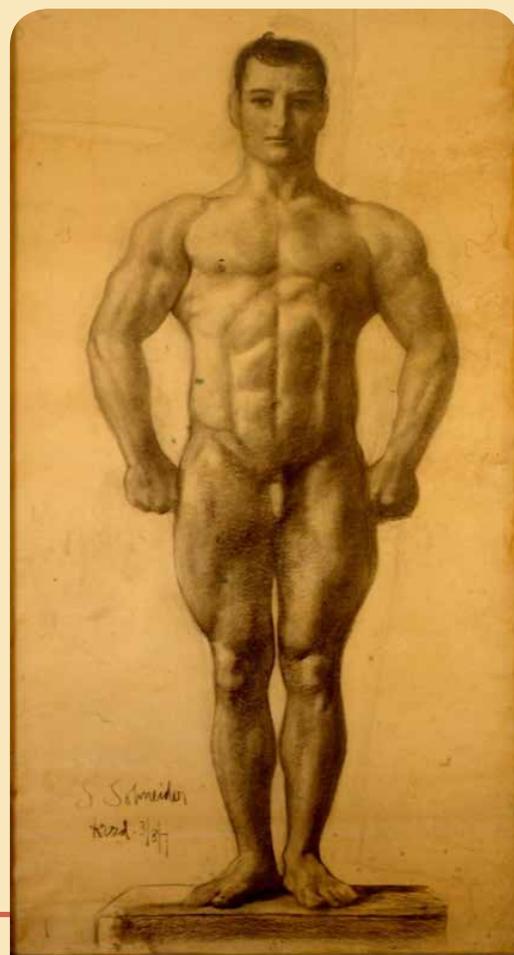
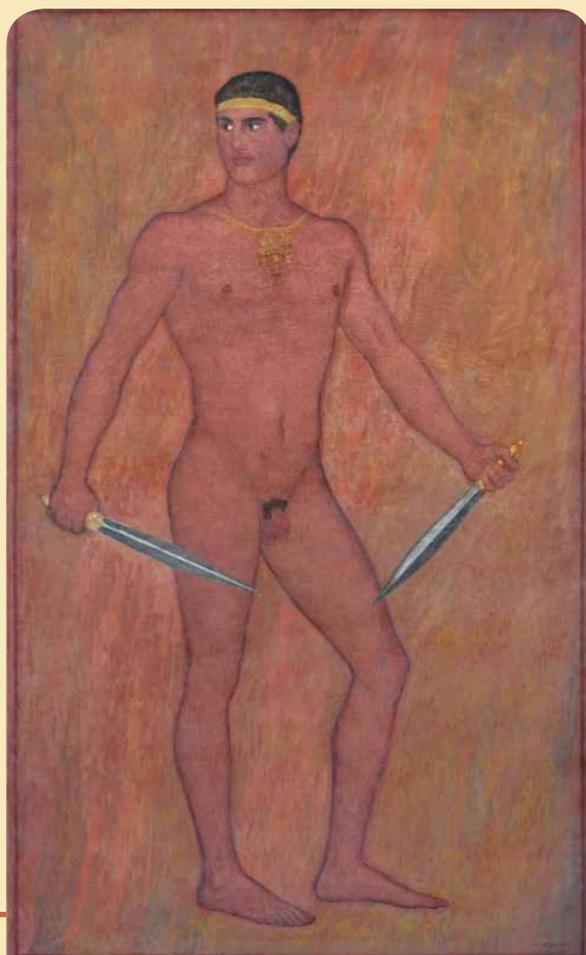
Acima, *Vencedor* (grafite em pergaminho, 1913) e *Chamado de Guerra* (carvão, 1915). Abaixo, *Guerreiro com duas espadas* (óleo sobre tela, 1915) e *Atleta em posição básica* (giz em papel entelado, 1907).

Como escultor, Schneider não queria se limitar ao barro e ao bronze. Ele queria moldar o próprio corpo humano por meio de treinamento de força e musculação. Então, em 1919, ele convenceu o proprietário de uma loja de departamentos de Dresden a deixá-lo ficar com o último andar para fundar o *Kraft-Kunst Institut* (literalmente, Instituto de Arte da Força), que era basicamente um ateliê com esculturas e pinturas de Schneider combinado a um estúdio de musculação com equipamentos de ginástica e espelhos. Os fisiculturistas frequentadores tornaram-se seus modelos. A criação do instituto correspondeu ao surgimento de uma nova abordagem do corpo humano e novas interpretações da beleza física. Chegou a organizar apresentações de “corpos ideais” no Dresden Albert Theatre, que incluía coreografias com títulos como “Antigas Lutas Livres” e “Exercícios e Jogos da Antiga Cultura Física”, mostrando o quanto seguia inspirado pela imagética clássica.



Estudo nu, grafite e lápis branco, 1925.

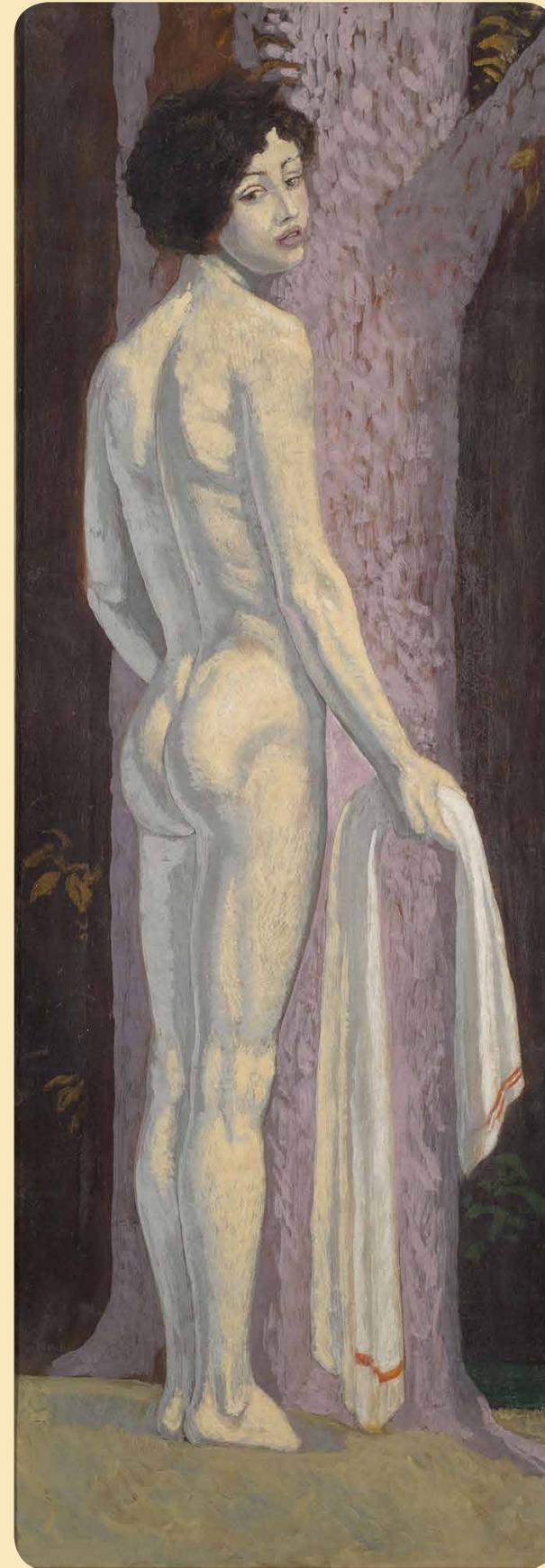
Postal de divulgação do *Kraft-Kunst Institut*.



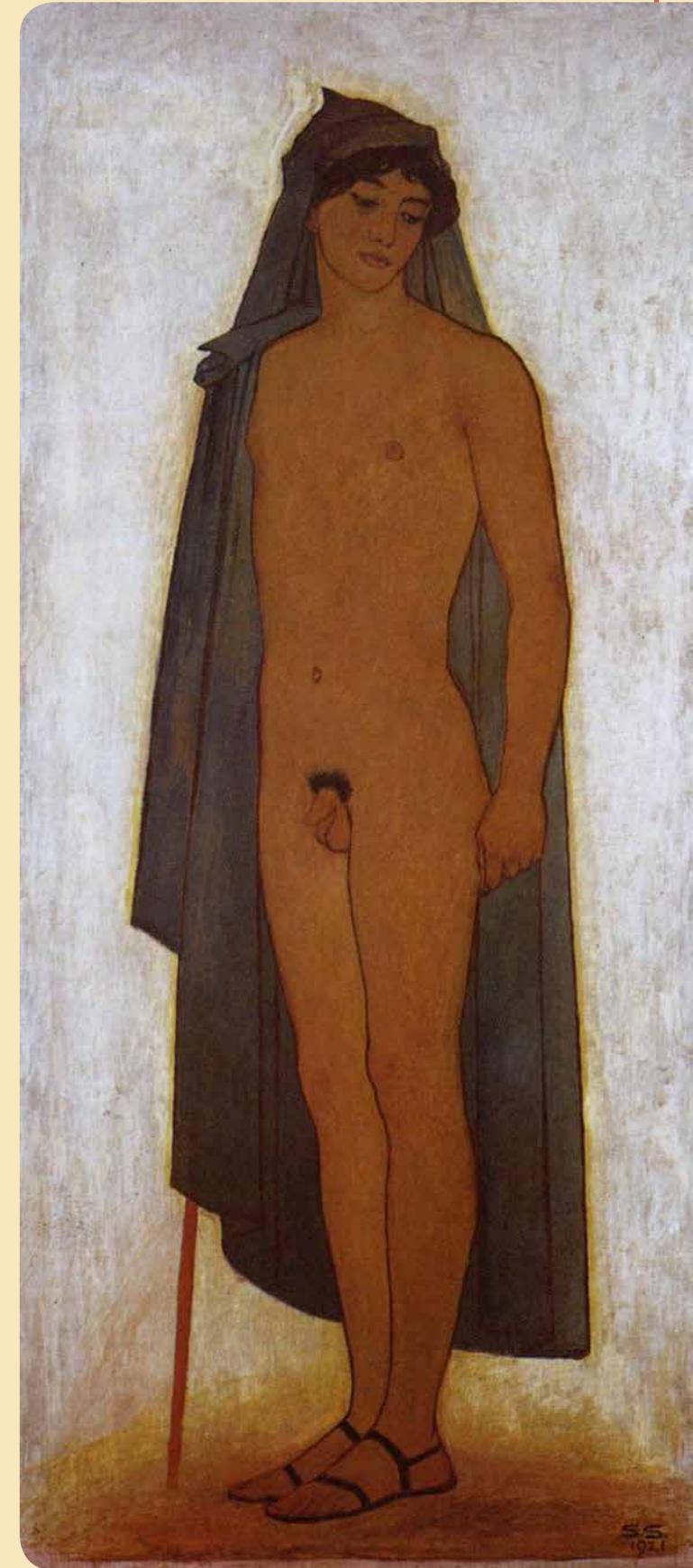
Teilansicht des Abungsraumes im Kraft-Kunst-Institut



Ganhando força (óleo sobre tela, 1904) apresenta um homem barbudo – cujo rosto e pose provavelmente foram desenhados a partir de antigas esculturas babilônicas em relevo escavadas pelos alemães no final do século 19 e transferidas para a Alemanha – encorajando um jovem nu a ficar fortes e competir pela glória. A imagem teria sido vista como um exemplo do ideal clássico do ginásio e o paternalismo evocado era uma celebração da conquista masculina, sem qualquer controvérsia homoafetiva por conta da cultura do corpo livre no país.



Nu de costas com toalha, óleo sobre tela, 1920.



Juventude com manto azul, óleo sobre tela, 1921.

Schneider sofreu uma convulsão diabética durante uma viagem de navio nas proximidades de Swinemünde, em 1927, e veio a óbito. Foi enterrado no cemitério de Loschwitz, na Alemanha. Embora altamente bem-sucedido, ele nunca recebeu o devido reconhecimento do estabelecimento de arte (uma de suas esculturas foi rejeitada por “incitamento à fornicação antinatural”) por ser homossexual. Através dos esforços do colecionador alemão Hans-Gerd Röder, que ficou fascinado por Schneider e começou a comprar tudo que encontrava do artista, uma reputação esfarrapada na história da arte moderna foi restaurada. **8=D**



Ao lado, mosaico para decoração do local da urna funerária de Georg Clages. Abaixo, busto do túmulo de Schneider próximo à escultura que ele fez para o túmulo do pintor Oskar Zwintscher, em 1916.



Join The Speed-oh Movement

CELEBRATE THE BODY YOU HAVE, IT'S BEAUTIFUL!

KEEP BODY POSITIVE AND SPEED-OH ON!

refresh relax

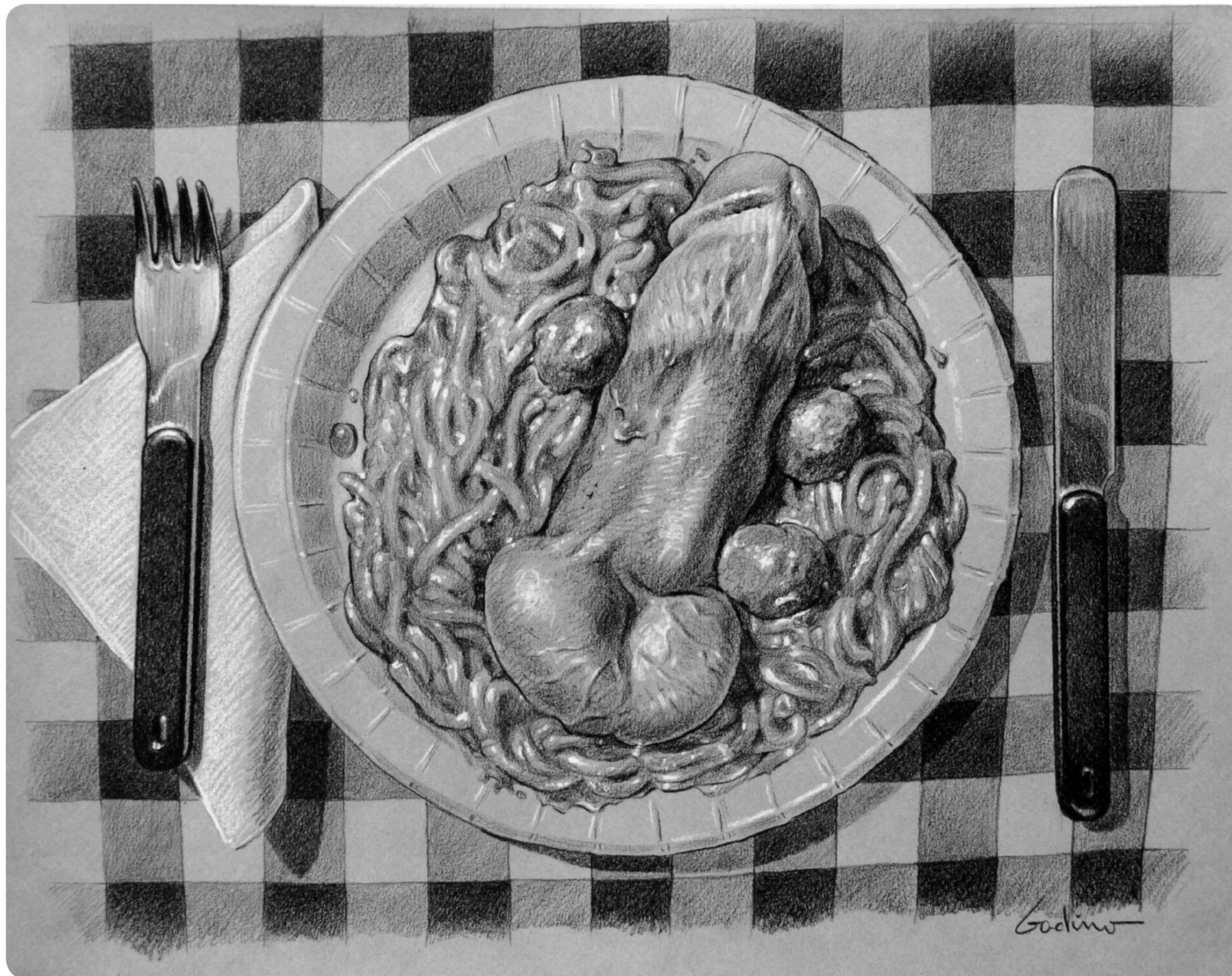
www

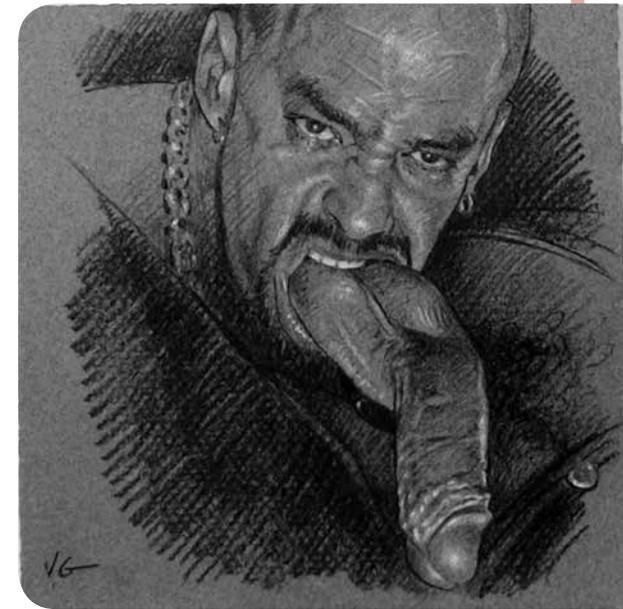
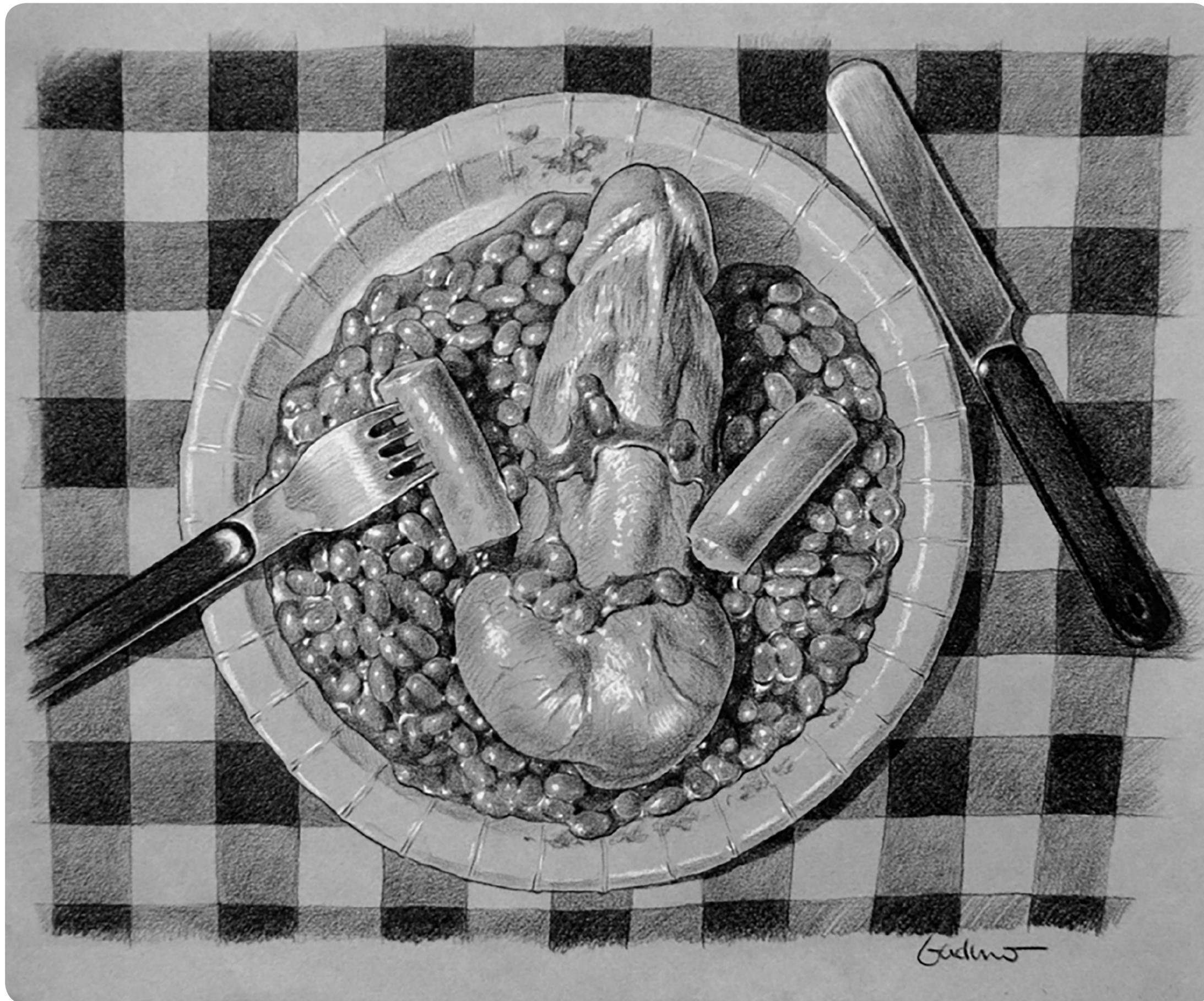
Victor Gadino é um artista e ilustrador premiado com mestrado em Belas Artes pelo Pratt Institute. Suas dramáticas pinturas figurativas a óleo e desenhos a lápis reimaginam temas clássicos, como mitologia, religião e sexualidade e já apareceram na promoção de grandes clientes do mundo corporativo, editorial e de entretenimento.

Aqui você vê as séries *Comida* e *Alimentação*, onde Gadino lembra que comida e sexo são duas necessidades biológicas. Ambos têm a ver com prazer, necessidade e desejo. Suas ilustrações combinam diretamente os dois para perguntar: é repulsivo, erótico, ou as duas coisas?

O que você acha?

8=D

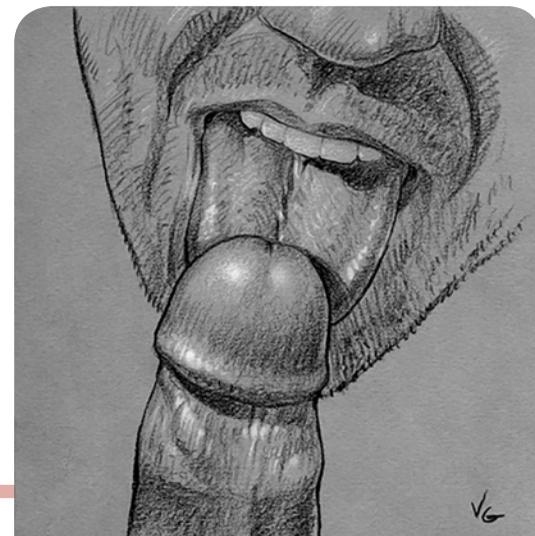
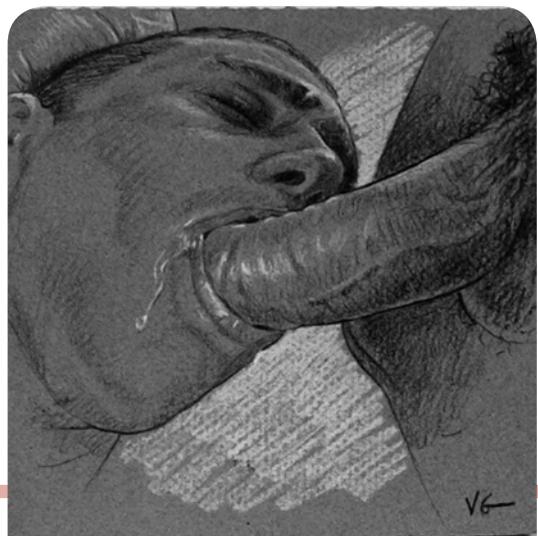
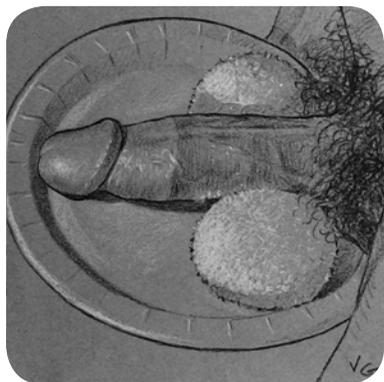




Acima e abaixo, *Alimentação 1 e 2.*

Na página seguinte: *Cachorro quente do Diabo 1 e 2; abaixo nas laterais, Bolas de Neve e Anfitriã perfeita; abaixo no centro, Alimentação 3, 4 e 5.*





SEJA MAIS.

**ben
feita
ria**

A **Falo Magazine** tem por princípio máximo o **conhecimento** livre. Sempre foi pensada de forma **gratuita e online**, onde o alcance poderia ser máximo e atemporal.

O trabalho é árduo. **Uma única pessoa** é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o **ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis**. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir em si mesma.

Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso você queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das **assinaturas mensais!**

www.benfeitoria.com/falomagazine

AMIGO DA FALO

R\$10 / mês

agradecimento na Falo

PARCEIRO DA FALO

R\$15 / mês

agradecimento na Falo e spoiler por e-mail

VIP DA FALO

R\$20 / mês

agradecimento na Falo e revista bimestral (capa variante) com antecedência por e-mail

PATRONO DA FALO

R\$50 / mês

agradecimento na Falo, revista bimestral (capa variante) e revistas especiais com antecedência por e-mail

www

Obrigado a vocês que acreditam na revista e no poder transformador da Arte!

Alcemar Maia, Alexandre Teixeira, Edgar Silva, Orlando Amorim, Rafael Pentagna, Giovanni Ravasi, Luiz Gustavo Silva, Marcelo Reider, Silvano Albertoni e benfeitores anônimos.



Guilherme Corrêa convida Jonathas Martins

FALÓFORO



Foto: Guilherme Corrêa | Modelo: Lycurgo.

CUECAS



rn

www



SUNGAS

Modelo: Flavio B.

ENTREVISTA: Falo Historiográfica!

por Sue Gonçalves

A presente entrevista foi elaborada a partir do processo de pesquisa realizado na cadeira de Laboratório de Pesquisa em História da Arte III, ministrada pelo professor Eduardo Veras e proporcionada pelo curso de História da Arte oferecido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A pesquisa de **Sue Gonçalves** investiga a historicização de trabalhos artísticos relacionados às sexualidades diversas de forma explícita. Assim, o objetivo da entrevista era pensar a *Falo Magazine* como possível fonte de análise historiográfica sobre os temas já mencionados. A entrevista foi realizada no dia **04 de abril de 2022** às 16h, pela plataforma online Zoom. A seguir, a transcrição da entrevista na íntegra:

Sue Gonçalves: Como foi o desenvolvimento da primeira edição (de março de 2018)? Pois, no seu editorial, notamos que a criação da revista partiu de um impulso catártico de se manifestar sobre as polêmicas que rondavam as artes no contexto de pré-eleições. Como foram as respostas aos e-mails que você enviou? Conseguiu respostas de todas as pessoas que havia pensado naquele momento? Qual sua ambição para essa revista? Sente que ela foi bem recebida pelo público?

Filipe Chagas: Bom, primeiro eu só quero lembrar que nas primeiras três edições da revista eu escrevo uma apresentação mais curta. O primeiro é um texto muito pessoal, que eu escrevi – na verdade, por causa das polêmicas – no meu blog e daí utilizei ele como editorial. No segundo texto de apresentação eu falo do projeto gráfico, porque a minha formação é em design, então eu queria que as pessoas entendessem o porquê aquelas cores, o porquê daquela marca, o porquê dos pequenos detalhes da revista. E, na terceira

edição, a apresentação conta exatamente os ocorridos de 2017 que mexeram comigo, que foram: o Maikon K, o Wagner Schwartz e o Queermuseu. Eu, como professor de artes e, principalmente na época, eu estava trabalhando em escola, e vendo aquele movimento, os alunos vinham perguntar pra mim “O que você acha disso?” E eu detectei realmente que o problema naqueles três casos, era especificamente... nos três na verdade não, era principalmente nas performances... era que eram dois homens que ficavam nus. Eu nem questioneei a orientação sexual de ambos, indo mais pelo corpo masculino, e principalmente pela genitália, o pênis. Eu consegui conversar com eles [os artistas] em março de 2018 e eles me retrataram diversas coisas que eu narrei na apresentação.

Bom, aí justamente por eu ser designer, eu precisava fazer alguma coisa. Eu sou designer, eu sou professor, eu preciso botar isso em algum lugar. O conhecimento sobre arte especificamente que está relacionado ao corpo masculino, está espalhado na internet, você encontra em vários lugares, mas geralmente com um tom de brincadeira, de chacota. Uma coisa mais ou menos “por que as estátuas tem pinto pequeno?” (que inclusive eu fiz um texto sobre, mas abordando de outra forma). E eu preciso colocar isso [o que estava pensando] em algum lugar. Se não tem ninguém fazendo nada, faço eu. Então

o desenvolvimento foi mais ou menos por aí.

Só que daí eu tava sentindo necessidade... Ah poxa! Tem tanta gente hoje trabalhando com essa temática da nudez, porque eu vou ficar trazendo só, ou textos que já existem na internet, ou sobre história da arte (que eu tenho aquela coluna Falo de História, onde eu trago um artista já falecido, que trabalhou com o corpo e com a nudez masculina). Ai eu falei: “quer saber?”. Tem uma frase que eu acho muito boa e que vale pra tudo, que é: “o não a gente já tem.” Aí na época tinha um Tumblr que eu já seguia (porque agora o Tumblr tá impedindo essas coisas de nudez, né?) e era só disso, só de pessoas que trabalhavam com a nudez masculina. Aí entrei no Tumblr e comecei a anotar todo mundo. Mas passei uns dois ou três dias investigando o Tumblr e anotando os nomes dessas pessoas. Depois que eu fiz isso, comecei a catar essas pessoas, se tinha site... e eu digo essas pessoas, eu digo





que são mais de 500 artistas! Era um número muito grande! O que me deixou ainda mais impressionado! Eu falei: “olha a quantidade de gente que está produzindo essa temática que fica totalmente apagado porque as redes não deixam!” Na verdade, as instituições não deixam. Você não consegue fazer uma exposição... Tô falando isso mas sei que já teve uma exposição no Leopold Museum, na Áustria, só sobre nudez masculina, eu sei que o D’Orsay na França andou fazendo uma exposição também.

Sue: Mas tem um recorte nacional também. Se pensar isso no Brasil, é, no mínimo, complicado.

Filipe: Ai é pior na verdade. É pior ainda.

Em 2018 eu ainda estava entrando [nessa pesquisa], e você vai conhecendo os artistas e vai conhecendo as censuras aqui. O Rafael Dambros, que é praticamente colaborador da revista, é de Caxias do Sul, já foi capa de uma revista. Ele passou por um perrengue em uma exposição (Santificados, em 2018) com gente na porta fazendo roda de oração, querendo fechar. Então você começa a conhecer essas coisas.

Mas aí com esses nomes eu comecei a fazer essa pesquisa virtual (procurando sites, Facebook, Instagram, o que tivesse) e comecei a enviar mensagem. E assim, vamos ver quem vai me responder e vamos ver qual vai ser. E eu tive um retorno. Assim, considerando que mais de... não sei se eu cheguei a falar com os 500, porque eu não encontrei todos... Mas se eu tiver falado com 100, mandando mensagens pros 100, se eu tiver tido um retorno de 10%, eu acho que foi menos, uns 8%. E isso acabou definindo a periodicidade da revista. Eu falei: “não vou poder fazer uma

revista todo mês, porque não sei se vou conseguir encontrar pessoas e produzir material toda hora. Então fiz a revista bimestral por causa disso.

Sobre esses e-mails: eu tive sempre que ser muito... aliás, eu só sei trabalhar dessa forma... eu sou sempre muito verdadeiro, muito honesto. Eu falei assim: “A revista não existe. É um projeto. E eu gostaria que você participasse da revista.” Nunca falei em participar da primeira ou segunda edição. Nunca falei desse detalhe, mas eu queria que participasse do projeto. Tentei explicar o projeto. Eu tinha um PowerPoint para poder explicar a ideia da revista, a temática da revista, e eu tive um retorno muito maior lá de fora do que do Brasil. Muito maior! Lá de fora, as pessoas assim: “pelo amor de Deus eu quero participar porque eu não tenho espaço pra mostrar meu trabalho. Você tá me dando espaço.” Eles se sentiam honrados porque normalmente eles tinham que procurar lugar pra divulgar e dessa vez tinha alguém indo atrás deles.

Aqui no Brasil foi diferente. Foi tipo assim: “Ah, tu tá querendo ver pinto.”; “Você tá querendo

ver homem pelado.” Então foi muito difícil de conseguir. Eu até consegui: já para a segunda edição, tem um brasileiro. Mas ele mesmo falou assim: “mas porque você tá falando de nudez, mas você não tá na revista?” Tipo: “você quer mostrar os outros pelados, mas você não quer ficar pelado.” Então, teve uma resistência muito grande dos brasileiros. Então, quando se fala em recorte, apesar da Falo ser em português, ela não é uma revista de artistas brasileiros. Ela é uma revista de artistas de qualquer lugar do mundo. Eu até tento trazer de alguma forma brasileiros para prestigiar a nossa produção que dificulta pra caramba esse tipo de informação e de acesso.

Sobre a recepção da revista: desde que eu comecei, eu nunca pensei em quantidade, nunca pensei em explodir, e que todo mundo me leia. Tanto que o próprio marketing da revista não é esses de guerrilha que as pessoas ficam postando todo dia. O meu objetivo sempre foi ser um local sobre essa temática, onde quando você quiser, qualquer pessoa quiser, pode entrar em qualquer hora e acessar. Então, eu nunca fiquei muito

preocupado se “nossa! Fiz uma revista e ninguém leu.” Pode não ter lido agora, mas uma hora alguém vai dar um Google e vai ler. Então, como eu sempre tive essa preocupação, eu demorei um ano e meio pra começar a me preocupar com quantidade. Porque pra eu começar a fazer um marketing mais legal e começar a conseguir parceria e apoio, eu precisava saber quantas pessoas estavam acessando a revista. Por isso que o site começou a ter... inclusive era outro site, era no Wix, que você entrava direto e tal... Eu fui começar a ter um site meu, um site próprio que as pessoas têm que botar o email para acessar. E, na verdade, não é pra fazer spam, nem nada disso. Mas porque, assim, eu recebo toda semana uma estatística de qual país é a pessoa [que acessou]. Se eu quiser ver, por exemplo, o nome da pessoa, clico no nome de “Sue” e vai aparecer lá quais edições ela acessou. Mas isso eu não faço muito porque não é meu interesse. Mas eu gosto de saber os países. Essa semana mesmo apareceu uma pessoa de Moçambique, e eu: “caralho! A revista chegou em Moçambique!” Então, essa questão do local, do território, é mais significativo do que a quantidade de pessoas que estão acessando.

A história do acadêmico é outra, porque... O meu viés... apesar do meu texto... Eu não gosto muito do texto acadêmico. Eu acho um texto muito complexificado e acho que é um texto que afasta. E eu queria o oposto disso. Eu queria um texto que aproximasse todo mundo. Então, eu puxei muito mais pro texto jornalístico. Mas eu queria que essa revista tivesse... fosse um espaço, não só do artista, mas que fosse um espaço pra: “poxa, tô desenvolvendo a minha pesquisa sobre esse assunto, e quero, na verdade, tenho que fazer não sei quantas publicações pro meu mestrado

Comprovante de registro no ISSN.

70

e pro meu doutorado” e eu queria que a revista fosse um espaço também. Aí eu fui buscar o ISSN, e fui ver como é que eu faço pra me tornar uma revista acadêmica. Em nenhum momento tava dizendo que eu precisava ter um texto complicado [no caso as regras para conseguir o ISSN], que é uma coisa que eu não gosto. Só tinha que ter umas regras pro site, que, como a revista é digital, precisava ter um sumário para baixar as matérias separadas. E você tinha que ter um lugar que tivesse todas as capas. Eles tem uma série de regras. “Eu vou cumprir isso”. E eles me deram o número acadêmico. Então, a partir daquele momento... Era 2019... Acho que foi em setembro, segundo semestre de 2019... Eu tenho a chancela de uma revista acadêmica. Ela não se propõe como uma revista acadêmica, essa revista de artigos, mas ela é uma revista acadêmica, e aí ela se torna pioneira. Porque ela já é a primeira revista sobre arte e nudez masculina no Brasil... e acadêmica! E online! E gratuita! Eu vou fazendo vários checklist que vão deixar essa revista pioneira.

Uma vez eu conversei com um cara que era da área de marketing e ele falou: “Filipe, mesmo que sua revista seja acadêmica (assim, tenha o selo de acadêmico), como ela não tem a estrutura e o texto acadêmico, ela jamais vai ser vista no

mundo acadêmico como um possível veículo. Ela sempre vai ser vista a que tem anúncio, tem matérias que não são dentro da arte e tal. E daí, no primeiro momento, ele me perguntou: “você quer ser acadêmico? Que se você quiser ser acadêmico, você vai precisar mudar a sua revista”. Aí eu falei: “Não quero.” Ela continua sendo uma revista acadêmica, nesse sentido, na chancela que eu tenho, mas eu não quero seguir as regras que as instituições (que na minha opinião acabam engessando um pouco nessas possíveis publicações). Eu te respondi tudo eu acho.

Sue: Engraçado que eu estou usando a revista para fins acadêmicos, né? Eu a vejo como referência historiográfica inclusive. Mas depois conversamos mais sobre isso. Seguindo: Ainda no editorial do primeiro volume encontramos, talvez, a sua maior dificuldade em manter a revista (que inclusive você já falou um pouco) que é: “eu faço uma revista gratuita, de forma independente, sozinho e de graça.” Então, como foi e como está a questão da colaboração financeira com a revista? Houve um aumento de colaboradores nesses últimos 4 anos de Falo? Melhorou? Teve seus altos e baixos? Piorou? Como tu tá mantendo a revista?

Filipe: Interessante que eu levo essa questão até pra minha terapia. Eu realmente criei um produto gratuito, porque acredito no conhecimento livre. Se eu fizesse esse produto, desde a sua formação, do seu início, como um produto que fosse comprado, ele não iria atingir todo mundo. Porque a gente sabe que as pessoas não têm muito apreço por adquirir coisas online, especialmente em arte nesse país. Aí eu falei: “cara! Se eu fizer uma revista que eu cobrasse cinco reais, as pessoas não vão comprar.” E tem o detalhe que a gente sempre fala da arte estar na mão da elite, na lógica do mercado, na mão do sistema, e eu não queria que ela [a revista] ficasse só na mão de quem tem dinheiro. Então eu pensava: “eu quero conhecimento livre, quero que todos possam acessar as informações.” Eu nunca me preocupei com essa parte da monetização, mesmo. Só que chega em um determinado momento, uma situação que não é só pandêmica, e eu precisava... A revista ganhou outro tamanho, né, ela cresceu. Se você compara as primeiras edições, que você encontra sessenta páginas, e agora tem revistas com cento e vinte ou cento e trinta páginas dá pra notar que o trabalho aumentou. E aumentou de tal forma que eu não descansava. Eu trabalhava em uma escola e quando não estava na escola, sentava na cadeira e produzia a revista. Eu não podia trabalhar de graça, mas também não queria que as pessoas pagassem para acessar a revista. Então, o que eu fiz foi criar um financiamento recorrente, que é quase como assinaturas. No meu caso, como é uma revista que sai a cada dois meses, não é uma assinatura mensal onde você vai ganhar prêmios toda hora, então, deixo claro desde o início que se você quer ajudar, tem que ajudar porque gosta da revista. Só que isso tem o pró e o contra. O pró é que assim eu

comecei a receber dinheiro, mas muito pouco, porque realmente as pessoas não investem nisso. Tipo: “Ah, vou ficar dando dinheiro pra esse cara ficar escrevendo sobre pinto?” Sempre reduz a isso, sabe? E o contra é que antes era uma coisa que eu queria fazer, e eu tinha vontade de fazer, porque eu queria. Então, eu estava livre. Livre inclusive pra pensar: “Ah não vou fazer esse mês. Não tô afim.” Quando entrou o dinheiro, passou a entrar uma responsabilidade real. Por menor que seja o dinheiro, passa a ter uma obrigação. Eu tenho que cumprir com a obrigação porque tem pessoas ajudando a revista. São doze pessoas que ajudam a revista hoje. Então, é uma revista que não vive de dinheiro, não funciona em torno do dinheiro. Ela não se paga. Respondi?

Sue: Respondeu sim. Agora vamos um pouco pra prática editorial da revista: Como são feitas as seleções de textos que a revista publica? Tem muitas submissões de trabalhos? A revista já negou trabalhos? Se sim, porque eles foram negados? Pode dar um exemplo?

Filipe: É interessante que a necessidade de estruturar a questão de submissão só veio quando decidi colocar o número acadêmico. Então quando fui atrás de conseguir o selo do ISSN, foi quando eu vi que precisava ter submissões, e daí pensava: “como é que vai funcionar isso?”

Como eu tinha aquela lista enorme, que falei no início, eu nunca parei pra pensar que as pessoas iriam ter interesse em submeter ou chegar até mim para publicar. Normalmente, não tem submissões de texto. Sendo sincero, acho que até hoje eu tenho zero submissões de texto. Eu já tive muitas pessoas interessadas em escrever, tipo:

71



“ah, posso escrever sobre isso?” “Pode! Vamos conversar, vamos escrever.” E ficou por isso mesmo. Talvez, não sei se porque eu tenho uma certa informalidade no trabalhar (eu sou profissional, mas não gosto muito da coisa formal), não sei se foi por uma falta de academicismo, de ficar cobrando prazo. Porque quando uma pessoa quer escrever um texto e ela tá pensando, eu não vou colocar um prazo. Eu falo assim: “escreve e quando tiver pronto me manda, eu dou uma olhada e conversamos.”

Vou ter que me corrigir, tive uma submissão. Acabei de me lembrar de um texto que foi submetido: um texto do Mateus Capelo. Ele quis escrever um texto de uma época que teve alguma coisa de censura e ele escreveu. Esse texto está na edição 14.

Eu tenho o caso das pessoas que são minhas colaboradoras, tipo os nossos amigos em comum Chris e Bruno. Onde eu dizia: “gente, tô com ideia pra próxima revista, alguém quer me ajudar?” Daí o Chris, às vezes, vinha com fotografias: “ah, vou fazer um ensaio fotográfico pro seu texto.” Até na revista 10 ele fez um ensaio fotográfico, o Chris, né, e o cara que ele fotografou falou (escreveu) sobre A fetichização do corpo negro, que ele já tinha feito o ensaio e tal. Então, eu tenho essas colaborações.

E, com esse processo de submissão, eu recebo bastante submissão de artistas querendo mostrar o portfólio. E aí qual é o meu processo? O meu primeiro critério é o tempo de trabalho na temática. Então, assim, se você tiver um trabalho... é artista já a dez anos... mas tem apenas um trabalho na temática da nudez masculina, você ainda não se encaixa na estrutura da revista, que é contar o seu processo criativo dentro dessa temática, como isso move o teu trabalho. Então, para essas pessoas eu falo: “vou acompanhar o seu trabalho, vou ficar acompanhando seu trabalho, seu nome vai estar na minha lista, mas não é a hora de entrar na revista.” Então, essa acaba sendo a principal forma de negação dos trabalhos. Porque muita gente... principalmente fotógrafo... “ah, tirei a foto de um colega.” Fez um ensaio, que está até bellissimo o ensaio, mas a ideia da revista é trazer justamente esses artistas que trabalham essa temática e que estão aí enfrentando a mais tempo os problemas de trabalhar com a temática que é um tabu no mundo inteiro. Então, essa acaba sendo a maior recusa.



Sue: E como surgiram as propostas das edições especiais? É sempre a partir dos colaboradores? E como surgiu a última especial que é toda escrita em espanhol?

Filipe: A primeira especial que surgiu foi a moNumental, que foi, na verdade, uma coisa pandêmica. Aquela coisa de estar todo mundo dentro de casa, sem saber o que fazer (isso bem no início do fechamento, pelo menos aqui no Brasil). E eu pensei: “gente, eu preciso fazer alguma coisa pra essa galera que tá em casa”. E então eu abri uma chamada “Mandem nudes”... na verdade, não foi assim tão descarado, mas a ideia era essa. “Vou fazer uma revista com as fotos dos leitores”. Se você teve a oportunidade de ver a moNumental, não eram nudes aleatórios, tinha uma música (o texto de uma música), uma história sendo contada. Nada aqui é gratuito, nem o nude do leitor no final [de cada edição] é gratuito. Então tinha uma proposta ali por trás. E funcionou muito bem, eu tive um retorno bem maior do que os das revistas em si. E isso me abriu os olhos. Eu preciso pensar nisso. Vai me dar muito mais trabalho (ter mais uma revista pra fazer), mas eu preciso botar isso na cabeça.

A segunda revista que saiu é do Davi, porque isso já era um projeto antigo meu de escrever sobre o Davi de Michelangelo. E quando eu comecei a estudar, eu me dei conta que precisava das pessoas nessa revista. Aí novamente eu abri um processo de recebimento de pessoas que queriam participar. Eu dizia: “Quem quer participar? Vocês tem que tirar foto na posição do Davi.” E eu mandava um tutorial explicando a posição pras pessoas poderem entender. E foi uma edição que, na verdade, foi o meu processo catártico que você falou no início. Eu aprendo tanto com essa revista, que eu não tô nem aí se alguém vai ler ou não. Eu acho o máximo produzir esses textos. E a revista do Davi pra mim é uma das melhores revistas. Eu aprendi tanto, tem tanta coisa boa, explicando [sobre o assunto], e tem uma mensagem... vou falar um palavrão... tão foda! Tão incrível a mensagem de que todos olham aquele Davi perfeito e, na verdade, ele é cheio de defeitos! Isso eu acho tão incrível que talvez seja a revista mais xodó que eu tenho! E ela não tem o mesmo apelo que teve a moNumental. Porque a moNumental as pessoas vão ver porque é um monte de homem pelado. Essa também tem, mas tem muito texto, assim as pessoas veem menos. Eu já notei esse apelo que a revista tem por ver foto e não ler texto.





Aí, antes da em espanhol, tem a ANuAL que é a terceira especial. O que acontece com a ANuAL? Na minha cabeça sempre teve isso, o “lado B da Falo”... B de bunda. Eu sempre tive isso na cabeça, que tinha que ter outra revista, só que eu não tenho a menor condição de fazer outra revista. Não tenho tempo, não tenho lugar, não tenho dinheiro. E aí tem o Bruno [Novadvorski] que trabalha diretamente com o assunto. Aí resolvi chamar e eles [casal DUOCU] super toparam fazer a coedição. E, então, saiu a edição ANuAL, que, ano passado, por questões de logística, não saiu outra.

A revista espanhol foi comigo vendo as estatísticas que eu recebia e me dando conta que o Brasil obviamente é disparado quem mais baixa a revista, depois é Estados Unidos (tudo bem, porque tem as edições anuais em inglês). Dos cinco países tinha primeiro Brasil, segundo Estados Unidos, terceiro Portugal (que é entendível), e os outros dois eram Espanha e México. Aí pensei: “bom, eles baixam em inglês”. Aí comecei a acompanhar esse fluxo de quem baixava e eles estavam baixando a revista em português. Aí resolvi ver quais eram os dez principais países. Começou a aparecer Chile, Colômbia... Então, assim, dos dez países (tirando o Brasil) a maioria era de língua espanhola. E eu pensava: “eu preciso desse público, porque na verdade eu estou... que palavra que eu vou usar... desprestigiando uma quantidade enorme de pessoas. Só que, assim, ia ser um trabalho do cão, porque uma coisa sou eu fazendo tradução em inglês (com meu inglês do trabalho). Eu até tenho um pouco de espanhol para entender o que a pessoa está falando ou escrevendo, mas escrever não dá. Aí novamente eu coloquei nas redes quem poderia me ajudar, apareceu um cara que se voluntariou para fazer isso. Então, eu resolvi criar essa revista, que, na verdade, é um apanhado dos artistas que falam espanhol que já participaram da revista e que não tiveram suas publicações na língua deles. O que eles tiveram foi em português e inglês. Então, eu falei com eles [os artistas], quase todos me deram retorno (dois que acabaram não me retornando). Mas eu pensava também: “eu preciso ter alguma coisa diferente também.” Aí chamei mais dois artistas, e pedi que esses artistas que já tinham apresentado trabalho, se eles tinham algum trabalho diferente para colocar. Então, na verdade, essa revista em espanhol, apesar de ser uma edição especial, eu pretendo que ela seja... não sei se vou conseguir fazer com mais frequência... mas, já

que eu tenho anuais em inglês, por que não ter um tempo de um ano para trabalhar em uma anual espanhol?

Sue: Tem uma questão que conversamos antes, sobre os direitos autorais, pois você disse que faz traduções de textos em inglês pra colocar na revista, e tem uma edição que pra mim foi muito boa, porque uma vez você colocou uma enquete no Instagram pedindo artistas pra colocar na revista, e eu respondi com o nome do Tom of Finland (porque eu estava estudando sobre ele naquele tempo). E você disse que não dava, que a fundação não libera os direitos autorais. Mas temos a edição onde você traz o Tom e, inclusive, no editorial você diz “foda-se”. Então, eu queria saber um pouquinho sobre essa revista em específico, porque pra mim foi muito bom ver a revista, e como é essa questão dos direitos autorais, como você trabalha com isso e como são esses acessos?

Filipe: Olha, o Tom of Finland foi... eu ia dizer que foi o unico foda-se, mas não vai ser não, porque eu tenho outra pessoa que provavelmente... É que, assim, eu sou muito certinho. Então, eu só faço as coisas com aprovação. Por exemplo, todos os artistas... se tem uma coisa que eu sempre odiei é quando sai uma matéria no jornal de alguém que falou alguma coisa, aí é uma besteira, aí a pessoa fala: “ai mas eu não falei isso, o fulano editou a minha fala, tirou do contexto.” Como eu sempre achei isso um absurdo, fazerem isso, nada sai na minha revista sem a aprovação do artista. Então, quando eu acabo de fazer o texto, eu mando pro artista, para ele aprovar. Aí eu faço o layout da matéria com as imagens e mando para aprovação de novo. Por isso que eu faço tudo com muita antecedência. Eu inclusive já tive um problema sério com essa questão de direitos.

Quando eu vou pesquisar um artista que já morreu, eu vejo se o artista tem fundação, porque às vezes tem artistas tipo: “fundação fulano”, “fundação ciclano”, “museu do fulano”. E, se tiver, eu entro em contato, eu mando um email. Eu já tive várias negativas. Do Tom of Finland foi isso: “você não pode usar as imagens” e eu falava: “mas, ué, estão todas as imagens na internet.”; “Eles estão todos errados.” Essa foi a resposta. Mapplethorpe, que provavelmente vai ter que ser outro foda-se, não autoriza. O Richard Avedon, que é um fotógrafo, ele tem um ensaio do Nureyev, do bailarino, nu, que eu queria fazer uma matéria especial sobre isso e também não foi autorizado. Na revista 16 que o foco são as artistas mulheres que representam o corpo masculino, tem lá a

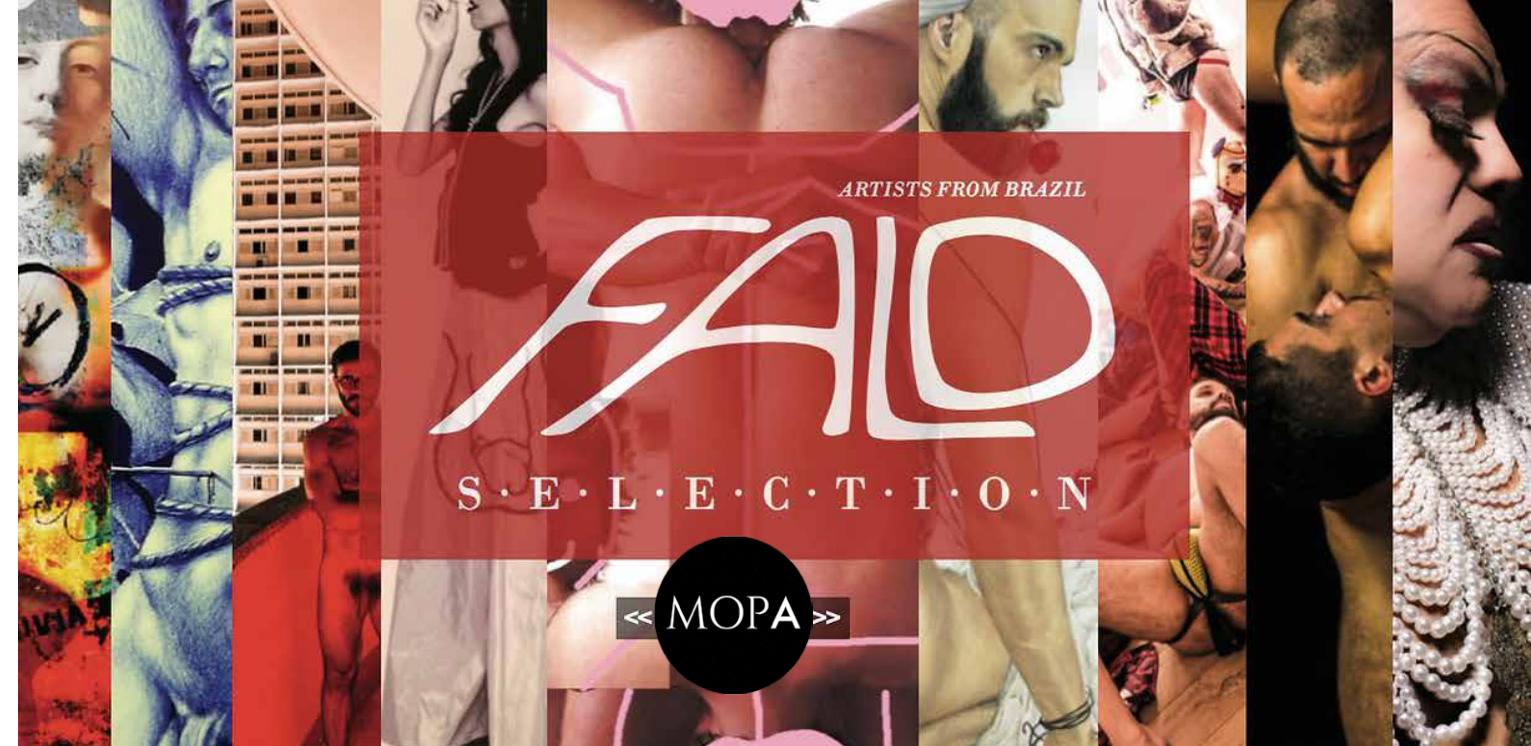


suposta primeira fotografia que uma mulher fez de um homem nu, que foi a Imogen Cunningham. Eu entrei em contato com a fundação da Imogen e não autorizaram a usar a foto, mas essa eu peitei também. Então, o que acontece é que, como eu tenho uma revista online e gratuita, eu acabo tendo isso como uma moeda de troca, porque primeiro: eu posso tirar do ar. Eu posso tirar a matéria e deixar a revista. Então, se der algum problema eu posso tirar. Eu não estou ganhando dinheiro com isso, porque esse é um outro ponto. Por exemplo, a Biblioteca Nacional... quando eu fiz a matéria sobre o Alair Gomes, a biblioteca foi super receptiva. E na hora de assinar a papelada do uso de imagem tem a pergunta: "Você vai usar as imagens para um produto que vai ser vendido?" E eu falei "Não. É uma revista online". E, então, você assina um contrato, né? Então, eu fico muito nervoso com essa função dos direitos.

Ai, uma coisa que eu ia falar antes, o babadinho né? Nessas fotos de modelo, de querer aparecer com aquela foto no final, eu sempre falo: "pode ser um autorretrato, ou, se quiser, uma foto de um profissional. Você pode me mandar, mas tem que me enviar o nome do profissional, porque eu tenho que dar os créditos". E eu fazia isso, porque na minha concepção, se um fotógrafo tira a minha foto... na minha concepção daquela época, né?... tira a minha foto e me dá a foto, eu posso usar em qualquer lugar, só preciso colocar os créditos. Então, a foto é minha, a imagem é minha. Mas eu descobri que não: quem tem direitos da foto, exatamente por ser uma imagem, sempre é o artista. E isso foi um problema, porque eu soltei em

uma revista onde um cara tinha mandado a foto de um profissional com os devidos créditos, e o fotógrafo já chegou mandando uma mensagem no Instagram dizendo que ia me processar por cinquenta mil dólares! Ai eu educadamente pedi perdão... que nessas horas você tem que ser, né? Não adianta gritar. Expliquei toda a revista, e o cara falou que eu estava sendo tão educado, tava explicando tanto que tudo bem. "Vamos ver como a gente vai fazer". E eu falando que não, que eu ia tirar a foto da revista, "se não autorizou, eu vou tirar". E a partir disso todos os fotógrafos... na verdade, eu já meio que falava com os fotógrafos isso, porque já imaginava que eles tinham o direito de imagem... mas eu pergunto: "você tem os direitos?" E, se é uma foto única que me mandam, eu faço print de todas as telas da conversa. Então, eu sou muito regrado por ter muito receio com essas questões dos direitos. E eu sou a favor do artista, né? Eu não posso estar roubando os trabalhos dos artistas. Então, quando eu ligo o foda-se (que foi o caso do Tom of Finland)... Eu já tinha perdido o centenário dele, porque eu queria que a matéria saísse no mês de maio do centenário dele e eles me deram um não. "Eu não acredito que tá todo mundo falando, todos os sites falando disso, e não é possível que todos tenham pedido autorização para usar as imagens do cara. Não é possível! Ou estão nadando em dinheiro, sabe? Quer saber? Vamos lá!" Na verdade, eu sempre fico com medo.

Sue: Bom, Filipe, agradeço a disponibilidade em conversar comigo, em ter compartilhado um pouco sobre essa experiência e sobre o projeto da revista.



9 Brazilian artists | 100 pages | 21 x 14.8 cm | Soft Cover



FALORRAGIA

PORRA!

por Filipe Chagas

Porra é vírgula no Brasil. É a interjeição mais usada pra tudo, seja como raiva, discordância, surpresa boa ou ruim. Segundo o filólogo e linguista português José Pedro Machado (1914-2005), o termo “porra” tem sentido etimológico de “pau” e, por isso, “porrada” significa paulada, pancada. Já “esporro” significa repreensão, censura, normalmente com tom agressivo. Por sua fonética próxima à “porra” e a ideia de despejar algo em alguém, rapidamente uma “esporrada” passou a ser sinônimo de ejaculação na linguagem vulgar. Fica fácil entender, então, como “porra” acabou significando “sêmen” e também como se tornou um vocábulo grosseiro que significa “porcaria” num país hipócrita fundamentalista.



MAS O QUE É A PORRA, AFINAL?

Começemos com a explicação biológica, que é relacionada diretamente à fertilização: a porra, ou melhor dizendo, o **sêmen** é o fluido orgânico produzido pelos machos de muitas espécies de animais, que é expelido através da uretra no momento da ejaculação para transportar, com alguma segurança, os espermatozoides até o local de fertilização na fêmea. Mas a gente já sabe que esse líquido é muito mais: é símbolo de prazer no seu auge!

Voltando às informações etimológicas, “sêmen” vem do grego *sperma*, que significa “semente”. É a mesma origem do termo “esperma”, porém, não são exatamente a mesma coisa. Esperma é a célula reprodutiva, o gameta, a semente em si. Portanto, o esperma está dentro do sêmen na forma de espermatozoides. O uso da palavra “esperma” para representar o sêmen é uma figura de linguagem (metonímia: o todo pela parte).

COMPOSIÇÃO

O sêmen é constituído principalmente por dois líquidos, sendo aproximadamente 75% de líquido seminal (ou plasma seminal) e 25% de líquido prostático.

O **líquido seminal** é produzido pela vesícula seminal e contém um complexo de componentes orgânicos e inorgânicos* que neutralizam o ambiente ácido do canal vaginal e protegem o DNA dentro do espermatozóides. Portanto, o líquido fornece um meio rico em nutrientes e protegido para os espermatozoides durante as suas jornadas de fertilização.

O **líquido prostático** traz os espermatozoides vindos dos testículos a partir do estímulo ejaculatório. É composto por enzimas proteolíticas, fosfatase ácida prostática, citratos, fibrinolisina, zinco, e o **antígeno prostático específico**, mais conhecido como **PSA**, um marcador biológico importantíssimo para detecção de células cancerígenas.

* Aminoácidos, enzimas bioativas, **cadaverina** e **putrescina** (enzimas de reciclagem do esperma não utilizado), colesterol, fosfolina (um biorregulador lipídico), ácido siálico (um regular genético), prostaglandina (antioxidante e principal protetor dos gametas), flavinas (vitaminas do complexo B1, B5, B9 e B12), ácido cítrico, vitamina C, **frutose**, **espermina**, **espermidina** e sais minerais de fósforo, ferro, selênio, sódio, potássio, magnésio e cálcio, **albumina**, além de inúmeras outras proteínas.



ASPECTO

Por conta da **espermina** e da **espermidina**, o sêmen humano é geralmente **viscoso** (espumoso, quando agitado), **esbranquiçado** e **opalino** (por isso, também chamado de **leite**). Depois de 10 a 30 minutos fora do organismo humano, a mistura líquida torna-se extremamente fluida. Curiosamente, exposto ao ar em baixas latitudes, a parte mais líquida evapora e ele se resseca, tornando-se mais pegajoso.

Vale dizer que as proporções dos diferentes componentes do sêmen podem mudar de pessoa para pessoa, tanto por questões genéticas quanto por hábitos individuais e, assim, cor e consistência podem variar. Períodos de abstinência sexual podem deixar o esperma com tom amarelado e aumentar seu odor peculiar (cadaverina e putrescina em ação). Por outro lado, em caso de relações sexuais frequentes, ele também pode adquirir uma coloração mais clara, mais transparente, à medida que o corpo não teve tempo de produzir todos os componentes do sêmen*. Se houver uma mudança de cor atípica – sobretudo se houver sangue presente (hematospermia) –, deve-se consultar um médico para garantir que não haja uma infecção (leucospermia, que pode deixar o sêmen esverdeado), inflamação, danos ao trato sexual masculino ou problemas com a uretra, testículos, epidídimo e próstata.

Alguns homens já relataram “bolinhas gelatinosas”, tipo sagu, no sêmen. Isso pode ser um processo benigno de coagulação acelerada da albumina presente no líquido em contato com o ar (corpúsculos de lecitina) ou um aviso de hiperplasia prostática (acompanha dor na ejaculação) que precisa ser investigada adequadamente.

* O corpo precisa de cerca de 72 horas e de uma temperatura, pelo menos, 5°C menor do que a temperatura corporal para a produção de um sêmen fértil. Por isso, os movimentos cremastéricos e a pele enrugada do saco escrotal, que mantém os testículos próximos ou afastados do corpo. Leia mais sobre isso na edição 10.

www



ODOR E SABOR

É o **pH alcalino** do sêmen (na faixa de 7,2 a 7,8) que dá cheiro e sabor ao líquido.

O **odor** acaba lembrando substâncias vegetais alcalinas (como a seiva de cajueiro e a flor-de-castanheiro) ou **sanitizantes** (como o hipoclorito de sódio, ou água sanitária, e o cloro). Porém, com o passar do tempo e a atuação das enzimas de reciclagem do esperma não utilizado (cadaverina e putrescina), pode causar um mau cheiro de podridão.

O **sabor** é geralmente adstringente e levemente adocicado pela presença de **frutose**, principal fonte de alimento dos espermatozóides, que dependem exclusivamente de açúcares do plasma seminal para energia. No entanto, cada indivíduo tem cheiro e gosto distintos, determinados pelos hábitos alimentares, saudáveis, higiênicos e sexuais. Por exemplo, o consumo de condimentos e temperos, cebola, alho, nabo, álcool e fritura em excesso e tabagismo deixam o sabor mais amargo ou ácido. Já o consumo de alimentos como canela e gengibre, e frutas – especialmente as ricas em vitamina C, como o abacaxi – podem deixar ainda mais adocicado.

VOLUME

Um único mililitro de esperma contém de 60 a 120 milhões de espermatozoides. A ejaculação de um homem sadio varia entre **1,5 e 4,5 ml**, considerando um período de 2 a 3 dias sem ejaculação.

Há relatos de 14 ml em ejaculações de homens jovens em abstinência. A partir de 2 ejaculações por dia, normalmente se produz menos de 1 ml de sêmen. Se um adulto descansado por 24h apresentar volumes em torno de 0,5 ml ou menor que 1 ml, pode ser por alguma desnutrição ou desidratação severa ou mesmo um caso patológico.

Embora **não seja possível aumentar a produção de sêmen**, ela pode diminuir em função do nível de testosterona, especialmente durante a andropausa. Quanto menos hormônios masculinos*, menor a produção de esperma, porém, um homem jamais pára de produzi-lo.

Mas entendam: **a quantidade de sêmen produzido não afeta de forma alguma a duração ou a qualidade das relações sexuais!**

Quantidade não é qualidade!

Uma colher e meia de chá é mais do que suficiente para a fertilização, porém, é muito pouco perto da construção social criada pela indústria pornográfica.

* Falando especificamente sobre fertilidade masculina, os hormônios envolvidos na produção dos espermatozoides são a testosterona, produzida nos testículos e com possibilidade de reposição sob acompanhamento médico, e os hormônios luteinizante (LH) e folículo-estimulante (FSH), secretados pela hipófise.



PRÓS E CONTRAS

Os **benefícios** do sêmen vêm sendo estudados pela medicina há tanto tempo que já teve Nobel de Medicina em 1908. Dez anos antes, Elie Metchnikoff descobriu propriedades imunossupressoras ao injetar em um porco seu próprio sêmen e o sêmen de outro porco. Também foram descobertos efeitos cicatrizantes em feridas já higienizadas, livre dos agentes patogênicos.

A relação entre sêmen e a **pele** é uma pesquisa frequente da indústria cosmética. Já foi utilizado para minimizar os casos de pele seca ou acne moderada devido seu efeito antiácido e estimulante, porém o contato demorado por mais de 20 minutos pode causar efeito *peeling* (cadaverina e putrescina novamente). Além disso, os antioxidantes presentes no líquido podem ser responsáveis por aumentar a síntese de colágeno na pele e, assim, atuar no rejuvenescimento das células e, portanto, ser anticarcinogênico e benéfico para o desenvolvimento da memória celular.

E é por isso que a **ingestão** de sêmen – um dos maiores fetiches sexuais, símbolo de entrega ou submissão – também é muito comentada, sem contudo ter comprovação científica. Várias comunidades alternativas se utilizam da prática associada a dietas alimentares exóticas, vegetarianas, alegando diversos efeitos medicinais, como: redução da gastrite e da azia, melhora da má digestão e do refluxo gástrico, redução da hipertensão arterial em gestantes, melhora da ansiedade e da depressão. A “sementerapia” deve ser praticada três vezes no dia, em três dias afastados durante a semana (3x3), totalizando 9 doses por semana, na qual se obteria melhores resultados nos efeitos. Repetindo: **nenhuma pesquisa médica séria constatou esses benefícios e é preciso ter muito cuidado, já que, por ser um meio nutritivo, o sêmen pode carregar bactérias e vírus, tornando-se vetor de infecções sexualmente transmissíveis, como o HIV, a hepatite B e o herpes.**

Então, a resposta para **cospe ou engole?** não é somente uma questão de gosto, mas também de conhecimento e confiança entre os parceiros sexuais. E para quem se preocupa com engordar, relaxe: uma ejaculação contém entre 10 e 15 calorias e é incapaz de engravidar via oral.

A alcalinidade do sêmen pode causar irritação nos olhos... e acho que muitos que estão lendo já sabem disso. Além disso, apesar de rara, existem casos registrados de alergia à sêmen. É mais frequente nas mulheres e, entre os principais sintomas estão vermelhidão, coceira, queimação e/ou inchaço nos locais que tiveram contato com o fluido, podendo ainda provocar diarreia e dificuldade para respirar.





EJACULAÇÃO vs. ORGASMO

Cientificamente, poderíamos definir assim: **ejaculação** é a liberação do sêmen para fora do corpo através da uretra, enquanto **orgasmo** é um pico hormonal (prolactina, serotonina, dopamina, endorfina etc.) que gera espasmos musculares intervalados por aproximadamente 0,8 segundos e contrações da próstata, das vesículas seminais e dos músculos pélvicos.

Após o orgasmo, inicia-se a chamada **Fase Refratária**, período de queda na excitação – que é poeticamente chamado pelos franceses de *la petite mort*, a pequena morte. A duração dessa fase varia conforme vários fatores: ação de hormônios, idade, estado de saúde, conexão com parceiro(a), etc.

É muito monótono descrever assim um momento que produz reações físicas e emocionais tão intensas ligadas ao **prazer puro**. Não é à toa que o verbo “gozar”, que significa “aproveitar”, “satisfazer”, “deleitar”, esteja associado à ejaculação e ao orgasmo, bem como o termo “gozo” ao sêmen.

O importante é entender que **são duas coisas diferentes**, mesmo que, na maioria das vezes, seja dito que a ejaculação é a manifestação física do orgasmo masculino. A **polução noturna** – ou sonho molhado –, por exemplo, é uma descarga ejaculatória involuntária que pode vir ou não com um orgasmo. Até mesmo um esforço acentuado para evacuar fezes de tamanho e consistência consideráveis pode pressionar a próstata e ocasionar a saída de secreção pelo pênis. Casos de **espermatorreia**, ou seja, a descarga frequente e excessiva de sêmen de forma involuntária, necessitam de um acompanhamento médico.

Sabe-se ser possível praticar para retardar a ejaculação (como o **edging**) ou até mesmo ter o chamado “orgasmo seco”, ou seja, gozar sem ejacular. Casos de orgasmos múltiplos são mais complexos porque dependem de uma frase refratária curta ou inexistente, mas não são impossíveis.



E O PRECUM?

O chamado *precum* (termo em inglês que significa “antes do gozo”) é um **fluido pré-ejaculatório** transparente e viscoso criado pelas Glândulas de Cowper (glândulas bulbouretrais), mais conhecido pelo seu potencial de lubrificação do pênis durante o ato sexual. Mas ele também é responsável por um processo de limpeza, uma vez que esteriliza a uretra para que o esperma não seja contaminado.

Tecnicamente, esse fluido não faz parte do sêmen. No entanto, durante a ejaculação, o fluido retido na uretra se mistura ao sêmen. Por isso, é comprovado que há 40% de chance de fertilização através desse fluido pré-ejaculatório. Como ele também possui um tipo de açúcar (galactose) em sua composição, é possível que ele mantenha alguns espermatozoides vivos por algum tempo. Por isso que o famoso “coito interrompido” (retirar o pênis de dentro da vagina antes da ejaculação) não é efetivo para evitar a gravidez.

A quantidade desse fluido **varia desde algumas poucas gotas até 5 ml ou mais**, dependendo da excitação (e da hidratação). Existem homens que produzem grandes volumes, o que pode causar situações socialmente embaraçosas, como um simples beijo deixar as calças encharcadas. Isso **não é um problema médico** ou uma ameaça à saúde, mas pode ser conversado com um urologista para entender as possibilidades de controlar, evitar ou reduzir.



Se conhecer é libertar, espero que essa matéria tenha fornecido informações importantes para que você seja feliz na busca do seu prazer. Bora gozar! **8=D ~ ~**



AFINAL,
TAMANHO É
DOCUMENTO?

NÃO!

É EU TENHO COMO PROVAR!

Pesquisa sobre a anatomia peniana feita
com a participação de leitores/seguidores,
totalmente ilustrado e bilíngue.

PDF | 140 páginas | \$

Entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com



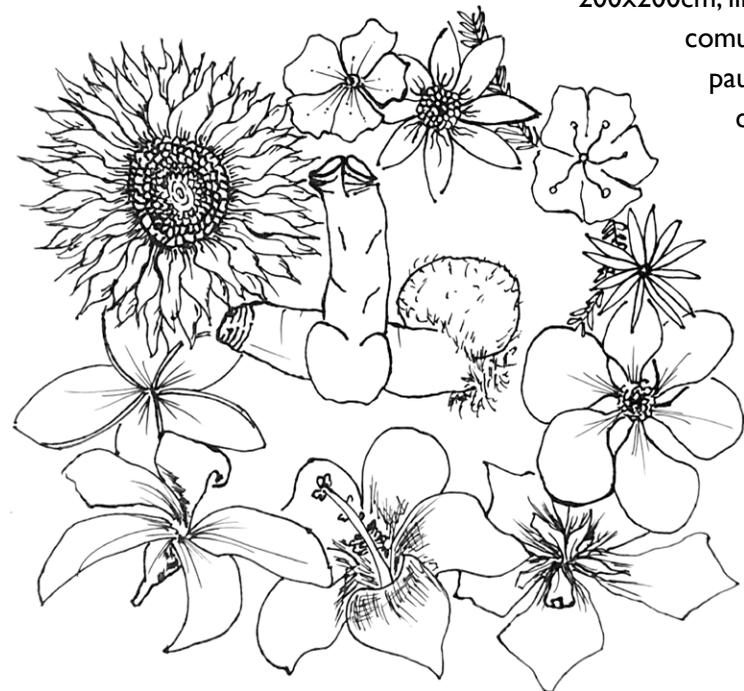
Arte da Putaria e/ou Putaria da Arte

Sempre que caminho pelas exposições artísticas, uma das minhas práticas é observar as reações das pessoas. Observar o que vejo e ouço, como por exemplo, quando alguém associa, mesmo que na brincadeira, algum trabalho artístico de “putaria”. Tomo para mim a sentença discursiva e passo a refletir o que determina as métricas para tal elaboração? O que tem nessas obras de arte que permitem tais sentenças? A nudez que mostra pau, buceta ou cu? Beijijos, mamadas, chupadas, metidas ou dedadas? Cuspe, mijo, vômito ou merda? Ou seria exatamente o oposto, o que é escondido, é o que de fato, provoca a putaria na imaginação? Que trabalhos artísticos lhe vêm em mente, quanto você lê estas linhas? Apresento três casos para nos auxiliar na reflexão sobre as relações entre esses temas:

Primeiro caso:

Certa vez estava em uma exposição coletiva, ou seja, vários artistas reunidos por um projeto curatorial que se propunha a problematizar, nas artes visuais, as dissidências de gênero. Composto por três salas brancas e uma sala escura, a exposição estava cirurgicamente ocupando os espaços. Entre todas as obras de arte ali presente, uma se destacou no meu olhar. Se trata de uma pintura de aproximadamente 200x200cm, lindíssima. Composta por um fundo vermelho comunista, a enorme tela tinha no centro dois paus desenhados e ao redor flores diversas, como uma guirlanda. As cores das flores se destacam por conta do fundo. Por fim, a obra é composta por quatro palavras, judeu - come - goza - dorme, distribuída próximo às quatro bordas da tela.

Assim que vi esse obra, na segunda sala da exposição, sentei no chão e fiquei observando. Quando meu transe foi interrompido pela frase “essa putaria não é arte”. Pronto, minha primeira questão foi pensar que aquela obra de arte foi



lida como putaria e assim não poderia ser arte. Se o pau não estivesse ali, no centro do trabalho, seria sentenciado como putaria ou o discurso seria outro, a ponto de nem questionar se é arte ou não? Além disso, o por quê que este trabalho estava numa exposição de gênero?

Segundo caso:

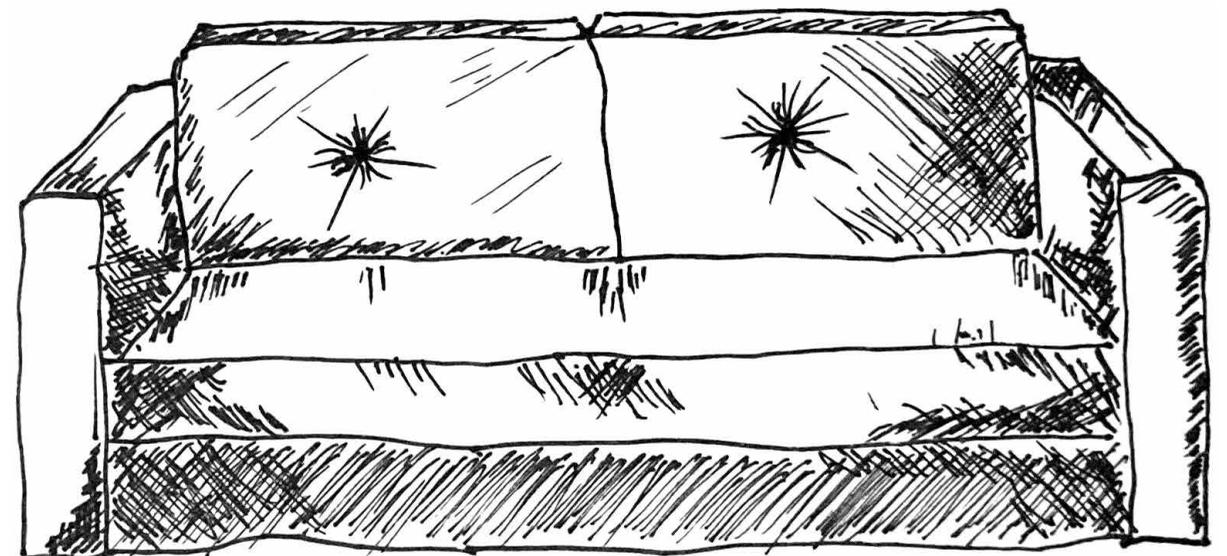
Se trata de uma exposição individual. Artista em início de carreira que aborda em seus trabalhos artísticos as questões de sua sexualidade. Gay, cis, branco, mora na zona sul, importante deixar esse grifo registrado, pois suas obras foram categorizadas como homoeróticas. Três das nove obras que compunham a exposição, me chamaram a atenção: *Come meu cu* (2016), *Chupo rola no banheiro* (2018) e *No armário é mais gostoso* (2019).

A primeira obra, *Come meu cu* (2016), se trata de uma fotoperformance composta por três fotografias, onde vemos uma pessoa nua posando em um sofá vermelho no centro de uma sala de espelhos, sendo possível ver o reflexo do artista que fotografa a cena. Em cada uma das

fotos a pessoa fotografada muda de pose. Primeiro, ela está sentada de pernas cruzadas de frente, sempre olhando para câmera. Depois, esta pessoa se deita empinando sua bunda. E por fim, vira de quatro, apontando a bunda para a câmera, mas com a mão esquerda tampando o cu. A pessoa fotografada se trata de uma pessoa com pau. Pela fotografia, poderíamos ler como uma pessoa cis, possivelmente gay, mas não é garantido.

Já na segunda obra de arte, *Chupo rola no banheiro* (2018), o que vemos é uma projeção de um vídeo de aproximadamente 12 minutos que nos mostra o registro de algum banheiro público com o foco na porta de uma das cabines. Os tons cromáticos do vídeo são em azuis o que parece pretender evocar uma tristeza naquele espaço.

Por fim, na instalação artística *No armário é mais gostoso* (2019) que é um grande armário no centro da sala expositiva, sendo que em seu interior temos o total de seiscentos e sessenta e seis camisinhas tiradas do pacote mas não utilizadas e, no fundo do armário, uma fotografia polaroide de um casal nu se beijando

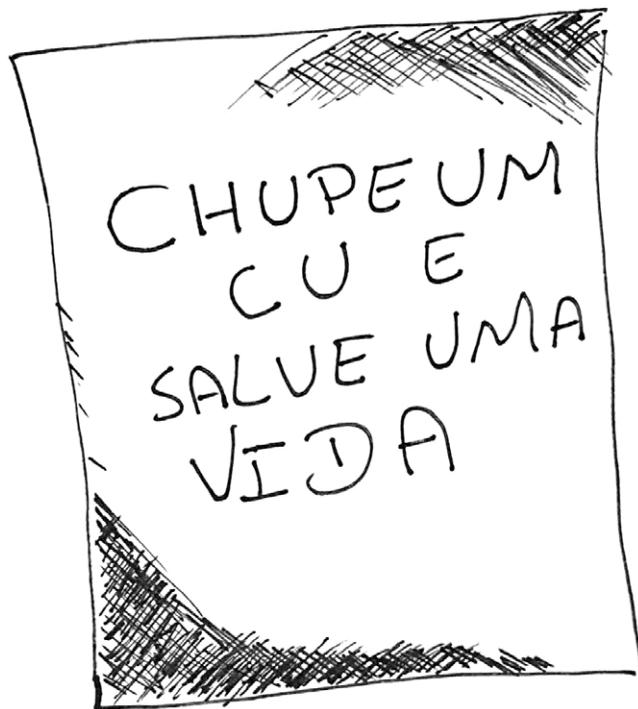


calorosamente. Na foto, tem escrito a hashtag #gayloveislove. As demais obras de arte que compunham a exposição se tratam de autorretratos feitos por meio de desenhos, pinturas e fotografias.

Enquanto eu observava a primeira obra, fui interrompido por uma pessoa que disse “como essa putaria pode ser arte?”. Não respondi. Voltei a olhar para a obra, agora pensando na questão que a senhora me jogou no colo gratuitamente. Diferentemente, aconteceu na segunda obra, quando uma pessoa virou e comentou com outra “Isso aí, deve ser aqueles banheiros de rodoviária. Dizem que é o lugar onde essas bichas ficam fazendo putaria”. Perplexo me pus a pensar que putarias “aquelas bichas fariam naquele banheiro que, em tons azulados, cuspiam na nossa cara a frieza do lugar? E na terceira obra, duas pessoas conversavam apontando que aquela obra de arte “que até era arte, mas que estava suja, pois seria muito melhor se não tivesse as camisinhas, pois elas entregam que aquele trabalho se trata de putaria”. Frase que me fez pensar no fato da camisinha ser premissa de putaria e não de cuidado.

Terceiro caso:

Estava na parada de ônibus que por sinal estava lotada, era por volta das 18h. Quando abriu-se um vão e uma pessoa cola um lambe na parede que dizia “chupe um cu e salve uma vida”. Eu comecei a rir de tão encantadora que achei a cena. Infelizmente, não prestei atenção devida na pessoa artista que colou o lambe, porque assim que ela começou sua ação de colagem e intervenção no cotidiano urbano, as pessoas reagiram



primeiramente com olhares. Acredito que não falaram nada durante o processo artístico e com medo da resposta da pessoa que estava colocando. Depois que a pessoa artista foi embora, começaram os comentários como “onde já se viu, uma putaria dessa no parada do ônibus?”, “a polícia deveria ser chamada”, “essa pouca vergonha, esses viados ficam de putaria por aí!” etc. Eu ria internamente enquanto ouvida atentamente, afinal são tantas as problemáticas que estão nas entrelinhas dessas frases que cabe reflexões para cada uma delas.

O que estes três casos apontam é que essas obras poderiam ou não se tratar de artes e sexualidade ou artes e putaria, direta e indiretamente, mas foram categorizadas dessa forma por confrontar os dogmas sobre as sexualidades que são enraizados em nós. Onde tiver presente nudez, pau, buceta, cu, peito, ou qualquer coisa que possa se configurar como sexual, lá terá uma leitura de que aquilo se trata de putaria.

Há uma questão importante nessa reflexão que é registrar onde localizo uma obra de arte que tenha fortemente a presença sexual em contraposição a uma que não tenha. Por exemplo, na primeira obra onde apenas existia um pinto desenhado, a leitura foi que se tratava de putaria, logo era sexual, até mesmo porque se tratou de uma exposição onde a temática se dava nos debates sobre gênero. Ou seja, a associação direta era de que quando fala-se de gênero, fala-se de sexualidade e logo é tudo putaria. Pode ser? Pode, com toda certeza, mas não é regra e é um problema quando esta é a única leitura que se tem de obras de arte que apenas apresentem um pau, uma buceta ou um cu por exemplo, ou até mesmo o corpo nu em sua totalidade. Fato é que nudez não é sinônimo de sexualidade e vice-versa. Pergunto novamente, quanto alguém expressa que uma obra de arte é uma putaria, tal frase no fundo quer rebaixar não apenas as obras de arte mas a putaria ao que não é aceito por um sistema patriarcal sexista, machista, lgbtqiapn+fóbico racista?

No fundo, essas pessoas ignoram o fato de que as putarias sexuais são tão saudáveis e importantes quanto as putarias artísticas e que, para alguns movimentos sociais, teóricos, políticos, econômicos, filosóficos, antropológicos e sociológicos, essa distinção não é uma importância, ou seja, tanto faz se se provoca artisticamente ou sexualmente, o importante é que provoque. Aliás, para alguns desses movimentos, como pós-pornografia, pornodesviante, contrassexualidade, pornossexualgrafia e pornoanarcoterrorista, o trânsito por essa linha tênue é a chave para o debate. Transitar entre ser ou não ser arte e putaria.

O incômodo de não citar de forma objetiva obras de arte e artistas, é provocar em você que lê, uma tensão que lhe permita pensar em trabalhos artísticos ou artistas que você conheça

que possam ser lidos como provocadores de putarias artísticas. A nudez que você viu era uma putaria? Pau, buceta, cu, mamilo, pentelho, cabelo, cuspe, olho, mijo são de fato sinônimos de putaria? Por que a putaria é dita de forma que se compreende pecaminosa? De quem é o interesse em categorizar trabalhos artísticos como putarias que valem menos que outras obras com diferentes temáticas?

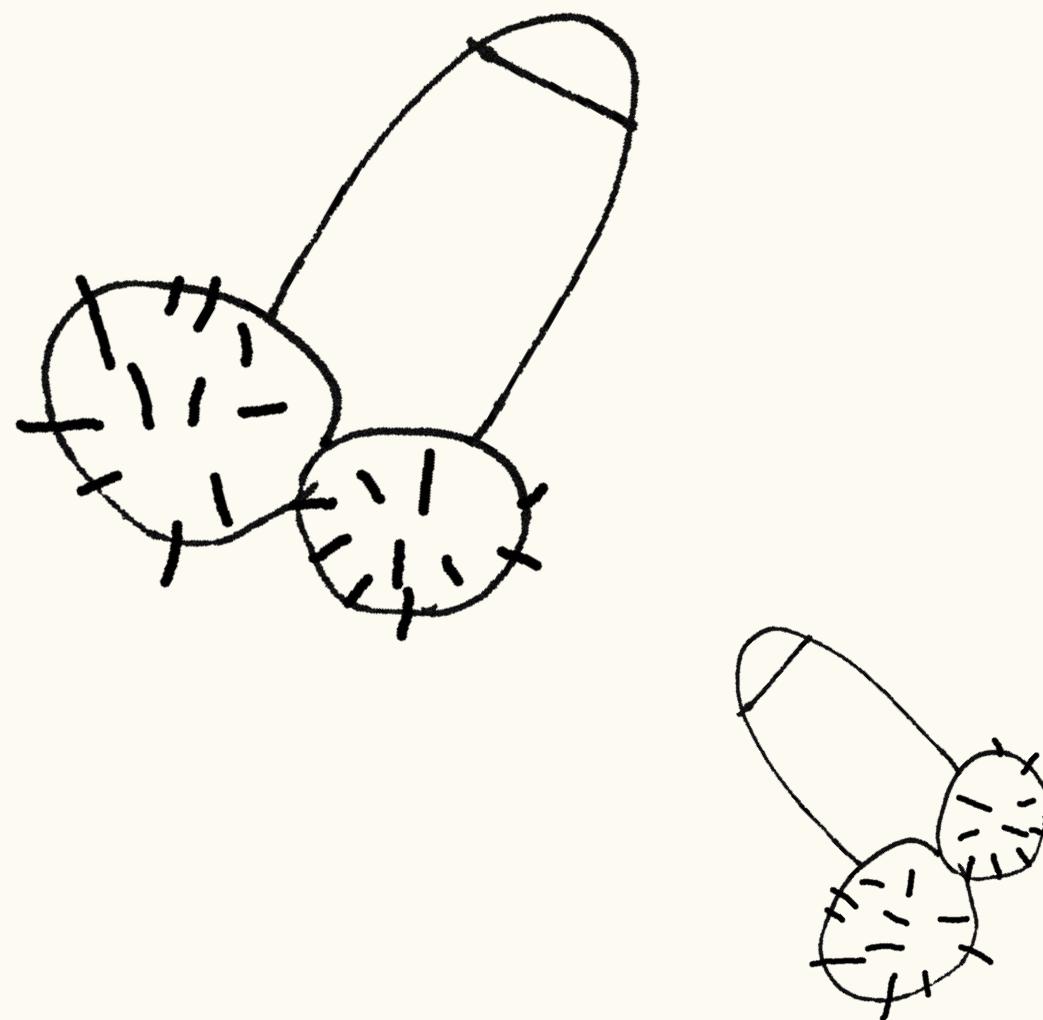
Por fim, confesso que nenhum desses casos são verídicos no sentido do que compreendemos como vida real, apenas aconteceram em sua imaginação enquanto as leu. Todas as situações foram criadas para conduzir esta reflexão, mas creio que você lembrou de alguma experiência semelhante que teve. Sim, todas se inspiram em alguns diálogos que de fato ouvi, mas nenhuma das obras ou falas aconteceram como descritas acima. Importante percebermos como que trabalhos artísticos são validados por métricas frágeis que estabelecem a força artística de uma obra pelo quão próximo ela seja do que se espera de uma obra de arte, mas afinal o que se espera de uma obra de arte? O que se espera das putarias? A palavra putaria não carrega apenas a intenção de expressar algo relacionando às práticas sexuais de alguém ou de um grupo de pessoas, mas podem ser lidas como algo desonesto, o que muda completamente os sentidos das sentenças citadas acima.

As putarias são tão desafiadoras quanto as obras de arte. Acredito nas provocações de ambas, principalmente, por gerarem possíveis desconfortos e debates que objetivam reflexões sobre como se comportam, nós, seres humanos. Conectar as ideias de arte e putaria é uma forma de possibilitar debates que tratem de política, economia, saúde pública, gênero, raça, classe, entre tantos outros. Não tenha medo de olhar para uma obra de arte e achar que ela seja uma grande putaria, apenas não o faça se sua frase é carregada por um puritanismo contraditório. **8=D**

Contos do Falo

QUANDO A ESCOLA ERA RISONHA E FRANCA

Ô garoto feio, ô garoto chato, o que você quer comigo? Sempre no meu pé, olha que a professora chega e nos coloca de castigo, vai reclamar com minha mãe, assim eu ainda apanho em casa, você não tem pai? Você não tem medo de apanhar? Às vezes meu pai me bate de cinto, só quando eu sou muito mau, mas eu sempre sou comportado, já você... Larga minha mão, não adianta que eu não vou botar minha mão aí onde você quer que eu ponha ela, ô menino chato, ô menino malvado, por que matar passarinho? larga minha mão, o que é isso, não gosto destas coisas e meu pai me castiga, olha que assim quando acabar o recreio a professora separa a gente, nunca mais sentamos perto, um em cada canto da sala ou em salas diferentes, já pensou se ela te manda pra diretora e você é suspenso? Eu conto sim, digo pra ela que você é que fica me atazanando como um demônio, sempre cheio de mãos e dedos e querendo sempre levar as minhas mãos para esse negócio teu que eu sei que está duro, não sou bobo não, isso eu sei. Sei que está duro e que sempre fica duro o recreio inteiro, deve até doer. Como quando eu disse que te dava uma gravata, um mata-leão e você não sabia o que era, eu te imobilizei e aí você tinha que pedir penico mas ao invés você ficou foi rebolando encostado na minha frente e o meu ficou duro e você sabe que eu gostei e é por isso, porque você sabe que eu gostei que você fica querendo de novo mas eu não vou fazer mais isso nunca mais, já até me confessei e o padre mandou contar de novo e de novo e outra vez e cada vez eu contava com mais detalhes e até inventei detalhes e aí foram três terços completos pelas almas do purgatório. Você nem deve saber o que é isso, céu, inferno, purgatório, penitência, você é cristão? Vai me dizer que teu troço aí é cortado na ponta como o dos que mataram Cristo. Larga minha mão, não quero ver nada não, mas se quiser me mostrar aproveita agora que o recreio já terminou e foram todos para as classes e a gente entra ali na capela rapidinho e você pode me mostrar bem rapidinho dentro do confessionário como o padre faz, mas muito muito rapidinho e depois a gente volta pra aula um de cada vez e fica quieto prestando atenção na professora se não ela separa a gente, ô menino malvado, ô garoto chato, ô garoto –



A HORA DA VIRADA.



Morten THOR





Pensar o falo para além do falo

Numa revista sobre arte e nudez do homem e com um título homônimo que fica entre a fala e o tão desejado e polêmico membro no meio das pernas, muita gente chega com um único intuito: ver imagens, catar um nude ou salvar pirocas em pastas ocultas no celular. Talvez o maior desafio das pessoas na atualidade em respeito a sexualidade, é enxergar o falo para além dele.

Ninguém vai parar de dar like no tweet da foto de sunga feita de forma proposital ou deixar de salvar o nude que vazou de algum famoso, mas a gente não precisa compactar a vida numa imagem de pau, num tweet de rola ou numa piroca.

Ninguém precisa (nem vai) parar de desejar um pau, mas o problema é quando tudo se resume a ele. O falo que não é grande o suficiente, o falo que não pode brochar, o falo que não goza ou que goza rápido demais... Suficiente pra quem? Não pode brochar por quê? Supostamente existe um outro exigindo essas coisas. Quem é esse outro? Que referências de como um pau deveria ser e agir são essas?

Claro que não se deve ignorar problemas e disfunções sexuais quando diagnosticadas de maneira adequada, mas tudo vira um problema porque a gente assiste, ouve e aprende a concentrar tudo no pica-pau e esquece que pica-paus são diferentes, e que eles não são seres isolados fora do corpo. Tudo funciona em sintonia, em conjunto, em união! Nossa sexualidade se expressa dentro de um coletivo, mas de maneira individualizada.

Talvez você seja a pessoa que se sente satisfeita com sexo uma vez no mês ou pode ser que você seja aquela que precisa dar uma por dia pra aliviar o tesão. Você pode ser a pessoa que ama dar a bunda, mas pode ser que você seja o que só se satisfaz comendo e apenas isso. Seu parceiro pode ter um gozo muito mais farto que o seu e pode ser que você ejacule muito mais rápido do que ele. É uma linha muito tênue entre entender o próprio funcionamento e ser diagnosticado com um problema real.

Dê uma colher de chá para o seu pau. Pense ele para além dele. É necessário aliviar a pressão de concentrar tudo num único membro quando se tem todo um corpo erógeno e cheio de sensações para se perder e se encontrar.

É igual esse revista que está comemorando 5 anos de vitalidade. Ela não é só pinto: ela é conteúdo, informação e conhecimento. Se você não se atentou que tem tudo isso, sugiro ler as edições anteriores. Sexo não é só um pau duro com a exigência de ejacular. A gente nem precisa ejacular. Sexo é sob conhecer a si mesmo, as próprias inseguranças e o que causa prazer detonando referências erradas e acolhendo o próprio modo de ser.

Pense a Falo para além do falo.

Pense o falo para além dele.

noisy
Rain
gay art magazine

FOR ARTISTS AND ART LOVERS
WWW.NOISYRAIN.COM



moNumentO

Confraria Fálca.
Modelo: Filipe (autorretrato).



FALD

ISSN 2675-018X
falonart@gmail.com

